

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 11

Novembro de 1918

Ano LXX

Director, proprietario e editor — Empresa da Revista Militar

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a Coelho da Cunha Brito & C.^a — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

As regiões naturais da Península Iberica¹

Os diferentes elementos que definem uma região natural são: o relevo, o clima, a vegetação e a agricultura, a fauna e o homem.

Porém o conhecimento, individual e analítico, de cada um d'estes elementos integrantes, não basta para as exigencias do geógrafo, pois a região natural se nos oferece como a forçosa resultante da reciprocidade e simultaneidade — sem abstrairmos das mutuas reacções travadas — de todos os elementos que nela intervem, tanto em sua intensidade, como em sua natureza. Cada um d'estes imprime ao conjunto um character, uma intensidade e uma direcção — o *como*, o *quanto* e o *onde* —, e a região natural surge como resultado final do conflito em que eles se somam, interferem e contrapõem.

A região natural é para nós a finalidade mais legitima da Geografia moderna. Ela é não sómente uma evidente unidade geografica, mas tambem uma realidade politica e espiritual.

As artificiosas divisões territoriais caem e succedem-se, ao passo que a região natural permanece, como a essencia sobrevive ao transitorio.

Ela é para nós a expressão completa e integra em que a unidade terrestre — ampla e complexa — se concretisa. Alega-se que a propria actividade humana — em todos os seus aspectos e relações — lhe fica subordinada, com tal precisão e justeza, que, localisando-se no recinto definido de cada região natural,

¹ Segundo os trabalhos do ilustre professor J. Dantin Cereceda.

adquire, ao integrar-se, traços peculiares adequados á geografia da propria zona.

A actual divisão provincial, bastante artificiosa, sofre em Espanha uma profunda crise. São as suas causas mais immediatas o desenvolvimento enorme das vias de comunicação — ainda nos casos em que o fenomeno pareça paradoxal —, pois que a sua influencia, nas mais uteis e afastadas consequencias, tem apagado limites convencionais, augmentado a população, transformado profundamente as suas relações, desenvolvido os recursos naturais e exaltado a consciencia da personalidade regional. A analyse de outras causas levar-nos-ia muito além dos limites discretos de um pequeno artigo.

No mapa junto se define a extensão e situação das grandes regiões naturais que hoje se admitem na Peninsula.

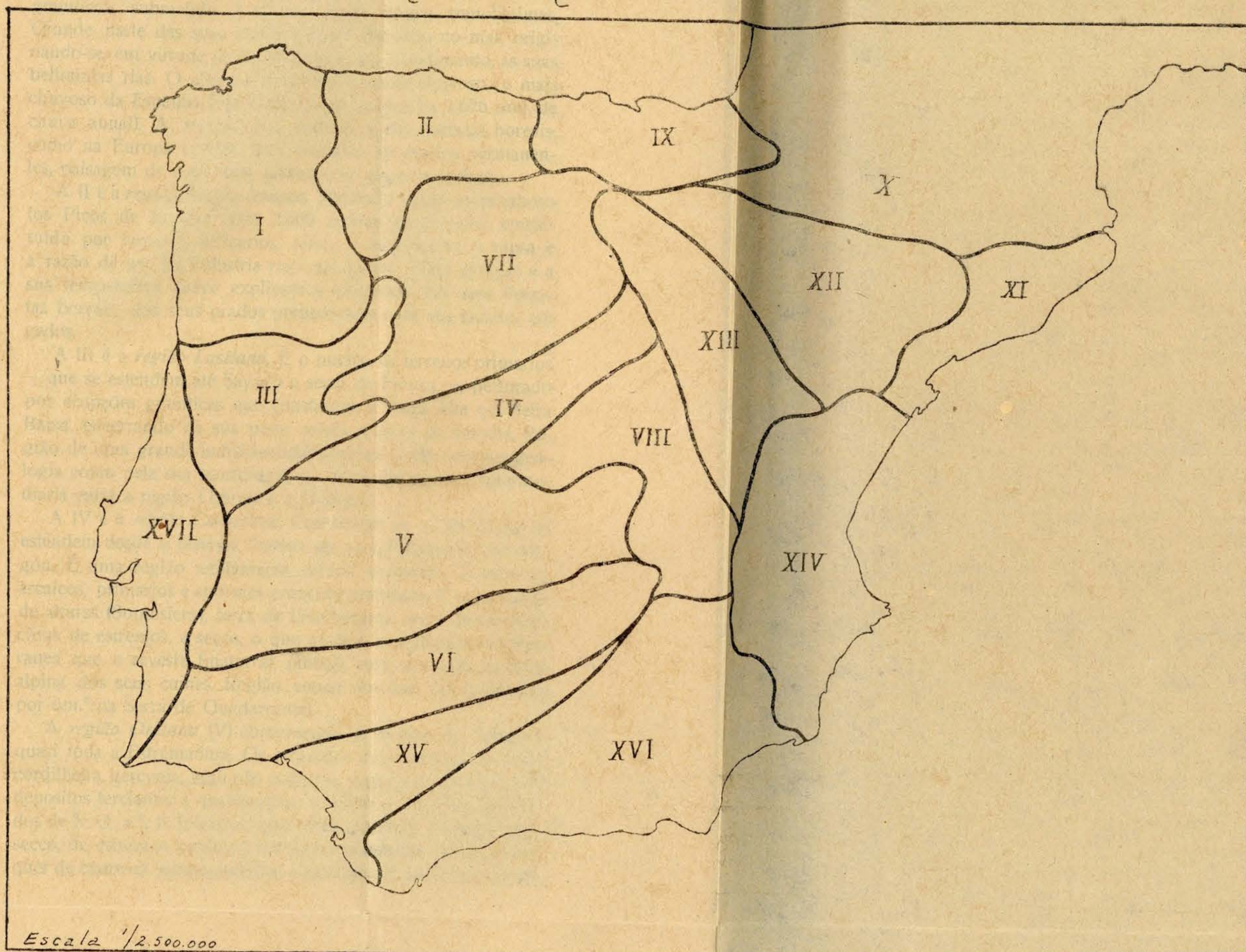
Para a justificação de cada uma das regiões que veem assinaladas no mapa esquematico, tiveram-se em vista varios criterios co-actuates: o criterio geologico por excelencia; o directivo, na parte em que dele dependem a morfologia e a ecologia da região; o topografico ou morfologico, em tão estreita dependencia do primeiro; o climatico e o biologico (vegetação, agricultura, fauna e homem).

A distribuição da população fica subordinada á geomorfologia — da qual dependem as vias de comunicação e, em grande parte, os recursos naturais — e ao clima, ao qual obedecem a vegetação e a agricultura.

As regiões naturais numeros I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII compõem a Meseta iberica, nucleo da propria nacionalidade; a XIII é a borda N. E. da Meseta, conjunctamente com a XIV e os seus prolongamentos orientais. A X — Pirinéus — e a XVI — Sistema Penibético — são os dois grandes sistemas montanhosos exteriores á Meseta. A XII e a XV são as duas depressões que pelo N. E. e pelo S. enquadram a Meseta: a XII primeiro considerada por J. Dantin como o fosso tectonico do Ebro e hoje admitida por todos os geógrafos; a XV é o vale — falha do Guadalquivir que Macpherson estudou. A IX é a depressão vasca de H. — Pacheco; a XI é a cordilheira litoral catalã, o nucleo espirital da Catalunha, e a XVII é a terceira depressão atlantico-mesozoica de P. Chofatt.

A caracteristica de cada uma das regiões pensamos dá-la em muito poucas linhas.

Mapa esquemático das grandes regiões naturais da Península Ibérica



- I. Região Galaica - II. Região Asturo-leonesa - III. Região Lusitana - IV. Região Carpetana - V. Região Oretana - VI. Região Ma-
rianica - VII. Região Castelhana - VIII. Região Manchega - IX. Região Vasco-cantabrica - X. Região Pirrenaica - XI. Região
Catalã - XII. Região Aragonesa - XIII. Região Ibérica - XIV. Região Levantina - XV. Região Betica - XVI. Região Penibética.
XVII. Região Atlântico-portuguesa.

A I é a *região Galaica*, que compreende toda a Galliza e o N. de Portugal até ao Douro, macisso de terrenos arcaicos e graníticos, submetido á erosão desde épocas remotissimas. Grande parte das suas costas tem-se afundado no mar, originando-se, em virtude d'este movimento de afundimento, as suas belissimas rias. O clima é marítimo e muito chuvoso: o mais chuvoso da Espanha (em Santiago da Galliza ha 1.676 mm. de chuva anual). A vegetação é analoga á das florestas boreais, como na Europa central. Paiz brumoso, de prados permanentes, paisagem de contornos suaves, com super-população.

A II é a *região Asturo-leoneza*. Territorio muito montanhoso (os Picos de Europa teem 2.600 metros de altitude), constituido por terrenos primarios, sendo o carbonifero a causa e a razão de ser da industria regional. O seu clima humido e a sua temperatura suave explicam a existencia das suas florestas boreais, dos seus prados permanentes e da sua riqueza em gados.

A III é a *região Lusitana*. É o nucleo de terrenos primarios — que se estendem até Sayago e serra de França —, perfurado por erupções graníticas que constituem a Beira Alta e a Beira Baixa, encerrando na sua parte média a Serra da Estrella. Região de uma grande individualidade natural tanto pela sua geologia como pela sua morfologia, e, emquanto ao mais, intermedia entre a região Galaica e a Oretana.

A IV é a *região Carpetana*. Constituem-na as Serras que se estendem desde o Sistema Iberico até ao vale tectonico do Alagón. É uma região nitidamente natural, composta de terrenos arcaicos, primarios e enormes erupções graníticas. É uma região de alturas (Somosierra, serra de Guadarrama, serra de Gredos), clima de extremos, e secco, o que explica a vegetação mediterranea que a reveste (matorral; pinhal), com excepção da flora alpina dos seus cumes. Região pouco povoada (21 habitantes por qm.² na Serra de Guadarrama).

A *região Oretana* (V) compreende os montes de Toledo e quasi toda a Estremadura. Os arrazados dobramentos da velha cordilheira hercynia, aqui não cobertos, senão parcialmente, por depositos terciarios e quaternarios, formam o seu sólo, orientados de N. O. a S. E. (piçarras, quartzites, granitos). O clima árido, secco, de extremos, explica a sua franca vegetação mediterranea, quer de matorral (esteva, tomilho, rosmaninho), quer de montado

(azinheiros, sobreiros). A população rara e concentrada em grandes núcleos.

A *região Marianica* (VI) fórma, a bem dizer, a borda meridional da Meseta — na qual a falha do Guadalquivir interrompe e trunca os dobramentos hercynios — é muito semelhante á anterior, posto que muitíssimo mais despovoada e árida. A diversidade de afloramentos dos terrenos primários, a complexidade da sua tectónica, a energia da erosão, explicam a sua riqueza em formas de relevo.

A *região Castelhana* (VII) aparece-nos como a séde dos espessos depósitos miocénicos — que a erosão retalhou em vales e páramos — e das aluviões quaternárias que, em grande parte, cobrem aqueles depósitos. A região carece de montanhas: predominam as amplas planícies e os páramos «amesetados», constituídos por argillas, gessos e calcareos. O clima é mediterrâneo, secco (com chuvas, em geral, inferiores a 400 mm.). A sua vegetação é de matorral, de montado (azinhais) e ainda de estepas (olmo). A população rara e espalhada.

A VIII *região é a Manchega*. Semelhante — na parte que confina ao S. com a Serra de Guadarrama — á anterior, é formada por extensas planícies (a Sagra, a Mancha) e por páramos em forma de meseta (a Alcarria). Clima mediterrâneo, de extremos e secco (chuvas 400 mm. aproximadamente). Vegetação, em grande parte, de estepas, servindo de transição para as estepas murcianas.

A *região Vasco-cantabrica* (IX) é constituída por uma faixa de terrenos secundários — principalmente cretácicos — que se estendem a leste dos Picos de Europa, junto aos quais formam uma verdadeira depressão. A maneira como se dispõe o cretácico converte-a num território «amesetado», afiligranado tão fundamentalmente pela erosão, que muito tem contribuído para o isolamento secular dos seus habitantes. Região de clima marítimo, brumoso, suave, o que explica a profunda espiritualidade da sua paisagem. Vegetação das florestas boreais, com prados, carvalhos (como a própria arvore de Guernica), brejos. Região muito povoada (95 habitantes por qm.²) e de caracter muito original.

A *região Pirenaica* (X) é formada por um território de altas montanhas e pouco povoado. Não é facil de resumir em poucas linhas, no dizer de J. Dantin Cereceda, o notavel professor que temos acompanhado neste rapido esboço.

Procuremos, comtudo, apresentar alguns dos seus traços mais característicos.

A região Pirenaica — uma das mais típicas e naturais da Península — compreende o alinhamento de montanhas que ligam a Espanha ao resto do continente, ou seja a ingente cordilheira que, partindo do cabo Creus, termina no macisso de terrenos graníticos e paleozoicos das altas nascentes do Bidassoa e Uru-meia, ou seja no macisso paleozoico vasco. É formada por uma zona axial de terrenos agnostozoicos e cambricos cortados irregularmente por afloramentos graníticos. Encostadas a este eixo estendem-se, acompanhando uma e outra vertente, largas faxas, orientadas no seu conjunto de E. para O., de terrenos paleozoicos, mesozoicos e, finalmente, eocenicicos, dispostos por ordem de antiguidade a partir do eixo. Emquanto a vertente francesa, muito humida, tem sido submetida a uma erosão intensa, devida sobretudo ás aguas correntes, a vertente espanhola, de clima secco, tem sido apenas fracamente corroída pela erosão, tendo por isso conservado melhor a sua fôrma e a sua fisionomia primitivas. Nos Pirinéus dispõem-se em andares, segundo a altitude, os carvalhos, os pinheiros, e depois as pastagens até à zona das neves.

A *região Catalã* (XI) é constituída pela cordilheira litoral e pelo nummulítico que se estende entre Berga, Igualada e Vich. Clima vario, com predomínio do tarraconense. Se a vegetação é o reflexo do clima, tambem aqui prepondera a vegetação mediterranea, especialmente o matorral («garrigues»). Bastante povoada, em geral, e muito especialmente nas aluviões e pequenos deltas costeiros.

A *região Aragoneza* (XII) é o fosso tectónico do Ebro, depressão entulhada por depositos horisontais terciarios e actuais. Clima de temperaturas muito extremas, sub-desertico (inferior na Litera a 200 mm. de chuva), d'onde provém a sua vegetação de estepas (estepa aragoneza). Estas razões são suficientes para aglomerar a população nos logares irrigados; os sitios seccos e áridos despovoam-se (desertos de Calanda e da Violada).

A *região Ibérica* (XIII) é um tipico territorio de mesetas (impropriamente chamadas Serras), que formam a borda N.E. da Meseta. Região de temperaturas extremas, muito frio no inverno (em Molina tem-se registado a temperatura de — 27.º, a mais

baixa de todas as observadas em Espanha até hoje), com oscilação anual semelhante à siberiana. Cobrem o territorio extensos pinhais, desde a Demanda até à Serrania da Cuenca. Muito despovoada. É frequente a emigração (para Valencia, para Saragoça, para a Espanha inteira como os mercadores de Maranchón). A rudeza da vida explica o infanticidio e o parricidio (mancha de criminalidade do triassico).

A *região Levantina* (XIV) é formada pela interferencia dos dobramentos do Sistema Ibérico com os do Penibetico. O territorio dispõe-se em faxas paralelas desde as bordas orientais da Meseta até ao mar. O clima, a vegetação e a agricultura são, por excellencia, mediterraneas, como a luz, a arte e o espirito. A aridez, a secura explicam a irrigação e o seu regimen tão original: as avermelhadas aluviões da costa, onde se estendem as «huertas» (de Valencia, de Denia, de Gandía, etc.), com culturas que são, em riqueza e em técnica, as primeiras da Espanha. Se a sua parte interior se apresenta tão despovoada como a Meseta, a costeira tem uma super-população (a «huerta» de Valencia tem 300 habitantes por qm.², como o delta do Ganges).

A *região Betica* (XV) é a parte em planicie da depressão do Guadalquivir. O seu clima mediterraneo é um tanto mais chuvoso do que o da Meseta. Vegetação em especies, em fórmulas e em associações, muito semelhante à do norte de Africa. No matorral da Baixa Andaluzia predomina o palmista. A população aglomerada em grandes centros; predomínio da grande propriedade.

A *região Penibetica* (XVI) abrange as Serras que compreendem o Sistema Penibetico, formado por dobramentos orientais no sentido de S.O. para N.E. O clima é secco, de extremos, particularmente na parte oriental. Região pouco povoada.

A *região XVII*¹ que abrange a Estremadura portuguesa constitue a borda ocidental da Meseta, e separa esta do afundimento atlantico. É principalmente formada pelos dobramentos jurassicos, que se apresentam com grande pujança na sua parte norte e se alevantam ligeiramente na parte média. A sua característica orografica, na parte norte ou Alta Estremadura, é montanhosa e fórmula contraste com o resto da região, onde se encontram as vastas extensões de planicies que constituem o ter-

¹ J. Dantin Cereceda não se ocupa, no estudo que seguimos, d'esta região.

ritorio ribatejano e o de entre Tejo e Sado. O afundimento atlantico originou dois afundimentos que fórmam outras regiões particulares no conjunto d'esta região natural. Uma, a do afundimento de Vila Nova de Ourem; outra, a depressão do Sorraia. O clima, em geral, é marítimo, brumoso e suave; no territorio atingido directamente pelas correntes atlanticas origina uma vegetação variada (vinha, oliveira, arvores de fruto, etc.) e prados vastissimos, o que torna a zona ribatejana bastante adequada à criação de gados. Em contraste, na parte oriental, predomina o regimen mediterraneo (pinhal, vinha, etc.). A população bastante densa na parte de planície é, pelo contrario, bastante escassa na parte alta dos dobramentos jurassicos.

Ha, em cada uma d'estas grandes regiões, outras mais limitadas, como rapidamente ficou esboçado nesta XVII da Estremadura portuguesa e que são as verdadeiras regiões naturais, que o vulgo costuma denominar por certos nomes expressivos.

Defini-las, precisa-las e da-las a conhecer será certamente o trabalho futuro dos geógrafos espanhois e portugueses.

Outubro de 1918.

ANTÓNIO MÁRIO DE FIGUEIREDO CAMPOS

T.º C.º do Corpo do Estado Maior.

Efeitos da guerra sobre a economia politica

Quando os historiadores intentarem descrever a nossa época, deverão traçar, ao lado da guerra actual, uma linha de separação, bem vincada, que, na história do mundo assinalará êste grande acontecimento com uma importância, em nada inferior, àquela que foi atribuída à queda de Constantinopla em 1453, ou à descoberta da América e do Caminho das Índias. Com efeito, uma era nova começa agora, tendo com o passado contrastes muito maiores do que os existentes entre a idade média e os séculos seguintes, valendo bem a pena, emquanto as armas se entrechocam, averiguar quais as características que a referida era apresenta, em contraste com a época que acaba de se fechar.

Se um economista estudar atentamente a transição da idade média para os tempos modernos, duas coisas, entre outras, se lhe tornarão evidentes, de preferência: a transformação da *vida politica* e o acréscimo da *economia monetária*. A transformação da vida politica manifesta-se por uma concentração notável, comparativamente com a descentralisação da idade média, pelo remodelamento de tudo quanto diz respeito aos exércitos, pelo aumento do poder rial, etc. Emquanto à economia monetária, basta lembrar a enorme importância que tiveram, na história mundial, as grandes casas bancárias dos Fugger e outras, e também a substituição da supremacia do campo pela da cidade, como consequência do desenvolvimento da burguezia.

Os limites traçados pela historiografia para estabelecer a transição entre a idade média e os tempos modernos, não têm importância alguma perante a guerra mundial. Esses factos, considerados de per si, isto é, independentes uns dos outros, são de ordem muito secundária no seu valor, e sómente no seu conjunto é que fizeram transpôr ao mundo o espaço, que medeia entre uma e outra época. Mas em toda a

história não existe acontecimento algum que possa comparar-se com o que actualmente se está desenrolando. Com efeito, quão insignificantes eram os exércitos, que combateram na guerra dos Trinta Anos, a par dos milhões de homens, que se encontram nas trincheiras em 1918! Consideradas sob este ponto de vista, as invasões dos barbaros têm uma importância mínima; as campanhas de Attila pouco ou nada são também, em comparação com os enormes movimentos destes últimos anos. E no entanto os horrorosos acontecimentos a que a actual guerra nos tem feito assistir, transforma-os a nossa imaginação num quadro ainda mais temeroso, ao pensarmos no que poderia suceder, se esta grande conflagração tivesse sido adiada para daqui a quinze ou vinte anos, quando a química e a física tivessem pôsto à disposição do género humano meios ainda mais crueis e de um efeito mais eficaz, do que o dos canhões modernos, com explosivos infernais, que transformassem em fogo o mar e a atmosphéa!

A primeira questão que os economistas futuros deverão considerar sob um aspecto diferente daquêle pelo qual era encarado nos tempos passados, será decerto a *questão da população*. Depois do grande passo dado por Malthus, no começo do século precedente, a economia politica tinha ficado estacionária por muito tempo neste ponto. As discussões sobre pontos relativos às questões de população faziam-se num campo verdadeiramente restricto e exclusivo, a bem dizer este-reotipado, até que o desenvolvimento das coisas não abrisse caminho a novas intuições. Enquanto a frequência dos nascimentos se conservava no mesmo nivel, o decrescimento da mortalidade tinha como resultado um excedente de população sempre maior, pois que milhões de seres, que aumentavam sem cessar, eram constantemente lançados na arena da vida. Mas a diminuição da *frequência dos nascimentos* provocava uma certa reacção entre muitos economistas; esta diminuição manifestava-se em alguns pontos, com uma rapidez surpreendente, como, por exemplo, na Australia; noutros produzia-se menos bruscamente, mas em parte alguma deixou de se patentear com a intensidade necessária para não poder deixar de ser registada por qualquer economista. Apesar disso, poder-se-hia contar ainda com um acrescimo ulterior da população, na ocasião em que sobreveio a guerra mundial, com as suas

enormes perdas de vidas, dando em resultado o desaparecimento, por algum tempo, do fantasma do excesso da população. A mortalidade tanto dos adultos, como das crianças crescerá sem dúvida, comquanto os progressos da medicina e da higiene nos perservem talvez das epidemias, que outr'ora se seguiam sempre a todas as guerras. Além disso, a humanidade tem colhido grandes ensinamentos na vida das trincheiras. A força de resistência admirável que o organismo humano tem revelado em presença do frio, da humidade e da fome, constituirá, certamente, uma dessas proveitosas lições; assistindo nós, para dizer a verdade, como que a um regresso aos tempos primitivos. Será também interessante coligir experiências, feitas com o fim de averiguar, se os efeitos de uma alimentação deficiente durante alguns anos desaparecerão e neste caso, até que ponto poderá chegar essa deficiência e quanto tempo poderá durar. A antiga teoria de Hofacker-Sadler será submetida a uma prova decisiva; esta teoria consiste na doutrina, segundo a qual a natureza procuraria reagir contra a diminuição do número de homens, por um excedente maior dos nascimentos masculinos. Mas, antes disso, será conveniente averiguar se, depois da atroz sangria da guerra mundial, não haverá grande relutância em exercer a procreação.

Durante êste periodo de tempo, verdadeiramente anormal, têm podido fazer-se interessantes observações sobre a maneira como pode remediar-se, em parte, a *falta de operários*, sendo êstes substituídos pelas mulheres e pelos velhos. Simultaneamente trata-se de aproveitar os inválidos e os mutilados da guerra, ensinando-os a produzir um trabalho qualquer, compatível com o seu estado, o que, além da vantagem de fazer convencer um pobre estropiado de que, mesmo sem um braço, ou sem uma perna, pode ainda servir de alguma utilidade no mundo, constitue também uma medida de grande alcance para a economia social. Com efeito, se é certo que a sociedade nunca teve uma tal superabundancia de trabalhadores, que pudesse dispensar, por completo, o concurso dos inválidos ou semi-inválidos, não é menos verdade, porém, que tem sempre existido uma deploravel tendência para pôr de parte toda a força que não seja perfeitamente normal, tendência que deverá agora ser fortemente combatida.

Serão, contudo, suficientes todas estas medidas de precau-

ção? Muito difficilmente, sem que se estabeleça uma forte organização e sem uma prévia aprendizagem, em harmonia com a força manual. É neste ponto que nos encontramos em face do movimento moderno para a melhor utilização do trabalho, que na América teve o seu ponto de partida no *sistêma de Taylor*. Este e alguns seus amigos procederam a investigações sobre diversos processos técnicos, seguidos na fabricação de certas mercadorias, afim de determinarem como um dado dispendio de força de trabalho poderia produzir o melhor resultado, para que cada tensão muscular superflua pudesse ser suprimida, assim como cada desenvolvimento de força inutil. Os ensaios feitos sobre este ponto têm tido o mais lisonjeiro acolhimento, conseguindo-se assim uma vantagem, que vai juntar-se à obtida pela divisão do trabalho indicada por Ad. Smith, o que quer dizer que, no futuro, a economia politica tomará contacto com a psicofisica, a filha mais nova da filosofia. A verdade é que nós, desde há muito tempo, deveríamos ter recorrido a esta colaboração, que nos teria permitido chegar a resultados positivos, acolhendo com reconhecimento qualquer novo impulso neste sentido. Em ligação intima com estes estudos de Taylor, pode citar-se a questão da influência da *alimentação* sobre a força manual e sobretudo a influência das bebidas alcoolicas fortes; as interessantes observações feitas por Kraepelin e a sua escola, ainda bastante desconhecidas, devem ser consideravelmente desenvolvidas pela applicação stricta de todos os meios de correcção da estatística.

Ninguém duvida, de certo, de que a restauração de todas as províncias arrasadas, assim como um restabelecimento razoável dos países de civilização inferior à nossa, não poderão efectuar-se senão por um esforço muito sistemático da força humana e por uma organização superior, que tenha por alvo a solução racional do problema. Não bastará empregar no trabalho as mulheres, os velhos e os inválidos. Os grandes troços de terrenos, que têm constituido e constituirão ainda os teatros da guerra, deverão ser restituídos à agricultura, o que não é positivamente a mesma coisa que reconstruir uma casa, reparar um muro, ou fazer a sementeira de um campo. Num país em que o camponez não poderá decerto recuperar as suas antigas terras, em que as casas foram arrasadas e em que

o terreno mudou completamente de aspecto, será necessário dar remédio a todas estas calamidades de uma maneira muito cuidadosa e metódica. Terminado que seja este trabalho, cada particular terá talvez direito a um certo lote de terreno, que poderá chamar seu e que, naturalmente, será diferente do que êle e os seus antepassados costumavam amansar e semear, mas como o restabelecimento, a que acima aludimos, trará enormes dificuldades, senão impossibilidade absoluta em realizar-se individualmente, é possível que haja de recorrer-se à *divisão social*.

E é neste ponto que se nos depara o traço mais característico da guerra mundial: a *plenitude de poderio* enorme adquirido pelo Estado em tudo comparavel ao adquirido na idade média para os tempos modernos. Houve certamente fortes correntes que encaminharam os acontecimentos neste sentido, independentemente da guerra mundial, a qual, no entanto, imprimiu uma tal velocidade a êsse movimento nos países beligerantes e nos neutros, como nem poderia sonhar-se vinte anos antes. Tal movimento será completamente independente da forma do governo, e, sob êste ponto de vista, quer monarquico, quer republicano, quer a caminho de se democratizar, em qualquer dos casos, vencerá a supremacia do Estado. Dahi derivarão uma série de questões do mais elevado interesse, que se apresentarão aos sociólogos e economistas futuros. Tais problemas talvez produzam uma forte impressão num país como os Estados Unidos da América, o qual, mais do que as velhas nações da Europa, tem sempre vivido sob a influência do individualismo.

Haverá talvez quem apresente a objecção de que, terminada a guerra, muitos dêstes factos desaparecerão. Num certo sentido pode talvez afirmar-se que cada estado de guerra presume o socialismo, sendo êle que impele para a frente todo o indivíduo apto, como se fôra um autómato, fornecendo-lhe armas, fardamento e alimentação, e à retaguarda das linhas de batalha, o Estado organisa o abastecimento dos combatentes por meio de serviços, cuja perfeição depende da competência de quem a êles presidir. A guerra, mais ainda do que a paz, faz absorver o indivíduo pela colectividade.

É quasi certo que no fim da guerra o pendúlo se inclinará de novo para o individualismo, mas o estado actual tem-se

prolongado por tanto tempo que ninguém poderá afirmar êle desapareça sem deixar atraz de si quaisquer vestígios. A questão já de há muito debatida, sôbre a passagem do serviço de transportes para a colectividade, ou a do monopólio do Estado em qualquer outro serviço público, será cada vez mais viva, e aqueles que, até hoje, têm sustentado a opinião de haver sido o Estado um mau organisador e que todos os trabalhos, de que êle se encarregava, ficavam quasi sempre condenados ao mais completo insucesso, devem reconhecer, desde já, que há grandes probabilidades de que êste estado de coisas se torne permanente, comquanto seja razoavel esperar que, depois da guerra, se ligue mais importância às colossais despesas que ela tem custado, visto que na paz é que verdadeiramente se avaliam estas coisas.

Um aspecto interessante da intervenção do Estado é o que se refere a toda a *legislação social*, principalmente sôbre a assistência operária; neste ponto fizeram-se grandes ensaios mesmo antes da guerra, sendo de crêr que êsse movimento continue desenvolvendo-se. Os inválidos da guerra deverão olhar o Estado como seu amparo natural, mas pelo seu lado, os inválidos do trabalho julgar-se-hão também com direito a igual apoio e, se assim succeder, qual a razão que poderá invocar-se para se negar a assistência contra a falta de trabalho, fóra mesmo de uma aplicação geral do principio do direito ao trabalho? Em todas estas questões, a acção politica do Estado desenvolver-se-há num grau muito mais elevado do que antigamente, e assim, o que era, aos olhos da geração anterior, uma iniciativa das mais revolucionárias, passará a ser um fenómeno quotidiano, ao qual se concederá apenas um pensamento.

Naquilo em que o Estado não intervier por meio de monopólios, ou por qualquer outra fórmula, veremos decerto a iniciativa particular tomar todo o seu impulso. Se a América se acha atrasada, com relação à Europa, emquanto à intervenção do Estado, em compensação esta tem muito que aprender com aquela em tudo o que diz respeito a monopólios e *trusts*, notando-se uma forte tendência para as fusões sob uma, ou outra fórmula. A indústria deverá organizar-se para atingir os seus fins e defender os seus interesses; êstes grandes organismos industriais e comerciais constituem, só por si, Estados

no Estado e, à medida que este se torna mais forte, tornar-se-hão também aqueles.

Na teoria da economia politica isto conduzirá a uma elaboração nova da *doutrina do valor*, cujo centro não será talvez o mercado aberto, com a concorrência livre, mas sim os cálculos do monopolista, procurando indagar quanto poderá elevar os preços dos seus produtos para obter o maximo da venda. Quer haja mercado aberto, quer não, a doutrina do valor assentará sempre sobre a questão das necessidades da sociedade no seu conjunto, ou das necessidades de cada um em particular, e também sobre o grau em que essas necessidades poderão ser satisfeitas; a moderna doutrina do valor traz já, em si mesma, razões que se aproximam de estudos desse género. Duas gerações se sucederam já, depois que o matemático francês Cournot, num tratado magistral, apresentou a solução de diferentes problemas, concernentes à economia dos monopolios: dum lado a espécie de procura, e do outro as condições da produção e da oferta.

No começo da guerra, a *divisão do trabalho entre as nações*, em tudo aquilo que pertence à produção das mercadorias, tinha avançado muito, tornando-se assim, essas nações, muito dependentes umas das outras. Mais tarde, porém, aprenderam a tirar-se de embarços, umas vezes fabricando aquilo, que até então, haviam julgado impossivel produzir, outras, contentando-se com equivalentes de produtos que só o inimigo possuía, ou que se não podiam importar de maneira alguma. O desejo de cada povo se tornar independente do estrangeiro aumentará depois da guerra, cuja repetição, segundo autorizadas opiniões, se tornará impossivel por longos anos. Muita gente se tem visto na necessidade de se defrontar com problemas completamente novos, e é interessante notar quão fácil tem sido, durante esta guerra, a mudança de uma profissão para outra. Antigamente era quasi um dogma que a transformação do fabrico de uma certa espécie, em outro de espécie diferente, apresentava grandes dificuldades e assim imaginava-se que as máquinas, uma vez instaladas, não poderiam, sem elevadissimas despesas, servir para uma applicação diversa daquela para que, primitivamente, haviam sido destinadas. A guerra, porém, com as suas enormes exigencias de material e de munições, veio demonstrar-nos o contrario,

levando-nos à convicção de que numa fábrica de ferramentas podem facilmente construir-se canhões, ou aeroplanos, na de *bibelots* poderão manufacturar-se munições, etc. É claro que, qualquer destas transformações se operará mais facilmente, não se ligando uma maior importância a certas perdas, com tanto que, para a nova produção se possa utilizar o essencial, isto é, os locais necessários e a força motriz indispensável.

Apesar de tudo isto, as dificuldades dos países, sob este ponto de vista, se emanciparem uns dos outros, serão muito grandes, sobretudo para as nações pequenas, onde as probabilidades de venda se tornarão as mais das vezes, muito limitadas. Naturalmente chegar-se-ha a uma divisão do trabalho, que não poderá ser talvez tão cosmopolita como era antes da guerra mundial; no entanto é fácil imaginar-se a união de vários países, formando uma esfera de interesses comuns.

A Inglaterra, com o seu imenso império mundial, constitue uma dessas esferas de interesses comuns. Desde 1880 que a ideia de uma federação imperial tem sido debatida; actualmente essa ideia vai crescendo e o Canadá, a Austrália, a Africa do Sul e as Indias serão mais estreitamente ligados à mãe pátria, não sómente no que diz respeito ao direito internacional, mas também sob o ponto de vista alfandegário. Existem já interessantes ensaios nas tarifas da alfandega da Commonwealth de Austria, por exemplo, e não será exagerado vaticinar-se um importantissimo desenvolvimento de todas essas relações.

A Russia e os Estados Unidos da América possuem, nos seus imensos territórios, a liberdade de acção sufficiente para uma divisão do trabalho, levada mesmo a um ponto extremo. Os três países scandinavos deverão experimentar a necessidade natural de uma fusão recíproca. Os seus onze a doze milhões de habitantes têm, desde já, possibilidades particularmente numerosas de poderem colaborar economicamente por isso que a sua cultura é quasi identica, a lingua não os impede de se compreenderem, a comunidade existe em diferentes pontos; têm congressos de diferente natureza, instituições sociais, caixas de socorros para os impossibilitados pela doença e para os sem-trabalho, etc.; além disso possuem

uma tendência notável para a reciprocidade de acção e não seria preciso mais do que um pequeno passo para conseguir pôr em movimento a comunidade da produção, por meio de convenções entre os produtores, ou pela criação de *trusts*, compreendendo os três países e por enérgicas medidas comuns contra os ensaios de inundação dos outros países pelo "*dumping*".

Os economistas de todo o mundo terão decerto um aturado trabalho para apresentar e resolver os numerosos problemas que se relacionam com a política comercial e alfandegária, sendo de crêr que os dez primeiros anos, depois de terminada a grande conflagração europeia, trarão muitas e notáveis perturbações ao enorme e complicado mecanismo do mundo, de que os diversos países produtores constituem outras tantas unidades.

Resta ainda uma questão de grande alcance, que é a dos *meios de circulação monetária*, questão em que a economia política conserva qualquer coisa de dogmatico. Até hoje tem-se considerado o ouro como a base necessária de toda a transacção. É certo que no decorrer da guerra actual se tem restabelecido algumas coisas dos antigos tempos mercantis, como, por exemplo, a proibição quasi quotidiana da exportação do ouro, mas, ao mesmo tempo, manifestam-se sinais que nos levam ao convencimento de que a importância desta moeda tende a diminuir, ou mesmo a acabar, em vista do seu desaparecimento e do facto de haverem sido suspensas e transformadas as regras fundamentais dos bancos. E neste ponto, quando a situação se tornar normal, nós veremos quantos e quão valiosos ensinamentos nos terá trazido a guerra mundial, apresentando-se-nos então a questão de saber como será necessário regular a política da circulação.

Depois de todas estas considerações ficam bem patentes os importantíssimos problemas, de ordem teórica e prática, que esperam os economistas quando se concluir a paz, problemas, que, a falar a verdade, sempre têm existido, mais ou menos, mas cuja solução será mais urgente depois da guerra.

Em tudo o que temos escrito deverão ver-se apenas simples indicações, pois que, assim como a actual guerra nos tem trazido, a cada momento, grandes surpresas, assim também o

desenvolvimento scientifico resultante será cheio de impre-
visto. A sciência abrirá, por si própria, novos caminhos, cuja
dircção nem sempre poderá ser prevista, estabelecendo-se,
quando muito, regras gerais, como nós tentamos fazer neste
artigo.

Kjobenhavn, Universitet.

Harald Westergaard.

(Extraído da publicação "*Scientia*," de 1-IV-1918, por F. DE MAGALHÃES).



Noticia historica do Almirantado inglês

(Conclusão de pag. 620)

Algumas citações são ainda necessárias, como testemunho valioso, uma vez que já mostramos ser o caracter do inquerito histórico o que mais se adapta ao assunto aqui tratado.

Não hostilizando o Almirantado inglês na sua essência, criticamos, porém, os pontos fracos que apresenta.

Tratando da administração Graham, diz-nos Briggs :

«Não é raro acontecer, muito em detrimento do serviço naval, e dos maiores interesses do país, que o primeiro Lord do Almirantado é o unico membro do Gabinete realmente familiarizado com as condições da Marinha e que toma interesse nisso, de modo que se encontra ás vezes colocado em má posição; e, o que não é menos lastimavel, que as expressões do 1.º Lord Naval e dos outros membros do Board atraiam tão pouca atenção que sejam virtualmente ignoradas.

Tratando da administração do Duque de Northumberland, nota: «Eu sou inclinado a crer que se uma repartição publica se nota, na qual diferenças de opiniões existem, existiam e existirão, em todos os tempos, — é o Conselho do Almirantado; e apesar disso, todos aqueles que trabalham entre as suas paredes, são actuados pelo desejo sincero de fazer o que é de direito»:

Estudando o periodo administrativo do Ministro Ward Hunt, de 1874 a 1877, escreve ¹:

«O publico muito facilmente esquece que os primeiros Lords raramente teem autonomia. Ha tantas influências de ordem politica assim como inerentes ao departamento, que uma indisposição se nota da parte dos outros membros do Gabinete, a ouvirem detalhes referentes a navios, canhões e meca-

¹ Pag. 204.

nismos, cujas explicações elles não assimilam —, a menos que um sério perigo se apresente.

«Não quer isto dizer que julguemos que fossem pouco patriotas os homens de Estado que exerceram funções do 1.º Lord; porém, quasi sempre, os seus melhores e mais insistentes empreendimentos ficaram preteridos por esse extremo espirito de partido que durante tantos anos foi o flagelo e o infortunio do nosso sistema politico».

Mais adiante, analisando a administração de Lord George Hamilton, afirma¹:

«Durante 44 anos de minha experiência no Almirantado, posso afirmar que nenhuma medida foi tomada nem arranjos praticos preparados, para corresponder às numerosas necessidades e deveres que incubem ao Almirantado em caso de guerra contra uma potencia de primeira ordem.

«Os motivos dessa falta de preparo foram: 1.º a rivalidade entre os dous partidos politicos; 2.º as opiniões profissionais dos Lords navais que nunca pesaram na balança, porque nenhuma publicidade era dada às suas representações».

Mostra-nos então este autor como o desejo de permanecer no poder predominava sobre o espirito patriótico, auxiliando-nos assim a formar uma ideia geral da psicologia dos homens e ensinando-nos o quanto erramos quando vagamente fazemos apreciações dogmaticas sobre o caracter das raças e quando desalentadamente descremos da nossa, que, como as outras, padece dos defeitos gerais de humanidade.

«As responsabilidades do Almirantado são tão altas, continua Briggs, que só os Lords navais podem formar um justo e preciso conceito sobre o que é absolutamente necessário; entretanto as suas vozes nunca são ouvidas, nem são as suas representações apresentadas ao Gabinete de modo a produzirem o resultado que se verificaria se fossem cotejadas e apresentadas com a proposta do orçamento perante o primeiro Ministro e os demais membros do Gabinete, atraindo-lhes a atenção que merecem, como conselheiros técnicos do Govêrno».

Foi assim que a Alemanha e mesmo a França possuiram um Estado-Maior, preparador das guerras, muito antes que a Inglaterra houvesse fundado o seu Intelligence Department de

1882, com duas secções, e que este só irrompeu na organização inglesa depois que Charles Beresford, capitão de fragata, contrariando as praxes, apresentou energica representação relatando o que a respeito se passava nos países estrangeiros.

Vemos assim que a marinha inglesa, embora dirigida por um sistema baseado no esquema de James Graham, evoluiu muito morosamente dentro desses moldes, devido à asfixia dos seus almirantes sob o peso da politica dominadora.

Entretanto a voz do primeiro Lord naval, ao menos, deveria ser ouvida, por ser elle o responsavel técnico pelas campanhas, pelo exito das guerras.

Testemunha de meio século de trabalhos intimos do Almirantado, termina Briggs, a sua documentação imparcial, ditada nos ultimos anos da sua vida, com as seguintes palavras: «Por cincoenta e cinco anos, desde 1830 a 1885, só houve um primeiro Lord, entre os muitos que possuiam influencia acentuada no Gabinete, que conseguiu os fundos necessários à manutenção da marinha no estado de eficiência real: foi Graham».

«Possuimos Almirantes e generais de grande valor; mas a nossa falta é infelizmente a falta de método, previsão e harmonia em nossa administração naval e militar, em que se tem consentido uma predominancia demasiada do elemento civil e parlamentar».

«É perfeitamente claro que se uma guerra irrompesse, o estado de cousas não seria satisfatorio por falta de preparo e harmonia entre as autoridades navais e militares e a diversidade de opiniões que predomina sobre os princípios fundamentais da acção».

Segundo a tradição, o 1.º Lord é convidado pelo 1.º Ministro e tem a liberdade de escolha dos seus auxiliares, que em geral são substituidos quando muda o 1.º Lord. Exemplos do contrario não são muito numerosos.

A organização de 1872 concentrou no 1.º Lord a ampla responsabilidade de toda a administração. Na pratica, porém, voltou a tendencia à especialização, caracterizada pela divisão do trabalho e tornou-se um tanto nominal a responsabilidade do 1.º Lord.

Em todo o caso, pode iniciar deliberações e votar as propostas dos outros Lords, o que está perfeitamente estabelecido

pelo regulamento interno. Em 1872, portanto, tornou-se definida oficialmente uma posição inserta.

Vemos, porém, que do character pessoal do 1.º Lord, dependerá o prestigio ou a complacencia da autoridade superior.

Descobre-se até a intenção de manter certo equilibrio para que ninguem tenha poder excessivo, quando se examina o acto de 1889, que autorizava a *«quaisquer dois ou mais membros do Almirantado a fazer tudo o que incumbia outr'ora ao Lord High Admiral»*.

Daí depreendemos que, pela lei de 1889, bastava que uma ordem fosse assinada por dous membros do Board, para ser legal, o que evidentemente se antepõe à resolução anterior que tornara responsavel perante o Rei por todos os actos do Almirantado, o 1.º Lord, pratica esta de longa data respeitada, embora só em 1869 tivesse sido sancionada.

A história fornece-nos exemplos de ordens directas dos ministros aos comandantes das esquadras, sem a consulta prévia ou a sciência anterior de qualquer outro membro do Almirantado. Tal foi o caso do bombardeio de Copenhague directamente resolvido entre o ministro da Guerra e o da Marinha, em sigilo comunicado ao Comandante da esquadra sem a audiência do Almirantado.

São, porém, casos excepcionais.

Em suma, o modo de proceder dos membros do Almirantado, entre si, e o gráu de influência do 1.º Lord sôbre os demais, fornecem campo a uma curiosa investigação.

Sem duvida certas desharmonias teem sido freqüentemente notadas entre as cartas-patentes e a tradição, a praxe, assim como se verifica o facto positivamente inglês do dominio da tradição sôbre toda e qualquer formula escrita.

O uso constitue um estatuto respeitado antepondo-se às próprias ordenanças e segundo Hamilton, o 1.º Lord *«pode preencher quaisquer deveres reclamados pela segurança do país, desde o acto de 1690»*.

Reproduziremos, porém, textualmente, as suas expressões: *«All and singular authorities, jurisdictions and powers, which by any act of parliament or otherwise have been lawfully vested, settled and placed in the Lord High Admiral of England,*

É inegavel a preferencia, a obstinação das resoluções do Governo em colocar o *conselho* em posição predominante, em vez de confirmar a autoridade de que na pratica goza o 1.º Lord. Mas tudo nos leva a supôr que a vontade do 1.º Lord não imperará quando êle fôr um estadista mediocre.

Esta discordância entre a lei e a pratica se explica perfeitamente. Ainda quando não se designa um chefe entre os individuos de um agrupamento, este chefe quasi sempre aparece e predomina como salvação unica do sistema.

Mas essa discordância entre a lei e a pratica, essa impressão na fixação das responsabilidades merece todas as censuras pois vai de encontro ao principio basico, à verdadeira lei que deve reger qualquer administração.

Os actos legais insistem em fazer do Almirantado um ser anomalo. É uma obstinação intencional. São as contingências praticas que o levam pelo bom caminho, dependendo do método e do prestigio do 1.º Lord corrigir defeitos intrinsecos.

Não podemos compreender que sete individuos administrem qualquer cousa em *conjunto*, *colectivamente*, e que dois dentre êles sejam quais forem, tenham autoridade tal, que substituam o conselho de que fazem parte.

Entretanto, como já temos feito notar, expurgado desses defeitos, que a própria experiência repudia, é claro que o Almirantado apresenta qualidades inegaveis.

Escriptores ingleses acreditam ser perigoso alterar o espirito das cartas patentes, o que é opinião dos melhores magistrados ingleses, embora reconhecendo-se a necessidade de conservar o poder supremo nas mãos do 1.º Lord.

Em 1861 James Graham disse o seguinte, na Câmara dos Communs: «*Se uma nova patente fôr expedida, tudo aquilo que fôr omitido será suspenso e tudo aquilo que não fôr incluído em termos, não se realizará, o que é exactamente o inverso do presente estado de coisas; se a patente do Conselho do Almirantado fôr feita em termos directos concederá muitissimo pouco ao conselho*» (!).

Concluimos, facilmente, que a intenção da patente é dar prestigio aos Almirantes e que na pratica esse prestigio é tirado pela acção do 1.º Lord sustentado pelo Gabinete e pela Corôa, — o que se estabelece por um acto legal *em termos indirectos*.

Stenzel, um official de marinha alemã autor de um belo livro sobre a marinha inglesa, depois de mostrar como o Ministro é o responsavel unico e como, apesar disso, o Governo se exerce em comissão, declara: «tudo isto é tão contrário às nossas próprias noções (dos alemães) que é difficil imaginarmos como esta disposição pode trabalhar; entretanto está adoptada às circunstâncias, inglesas, e, como recebeu uma forma razoavel em 1832, melhorada depois da guerra da Criméa, e tem sido sistematizada ainda mais, ultimamente, produz resultados que são, no seu conjunto, satisfatorios.

Sendo compreendido que a marinha é um instrumento da politica, mesmo em tempo de paz, a retenção do comando em chefe e da administração numa unica autoridade politica tem sido sustentada; por outro lado considera-se incompativel com o equilibrio do poder, dentro da constituição, entregar tão poderosa maquina às mãos de um unico almirante.

Por isso, a casa dos comuns, anciosamente fiscalizando o cumprimento dos principios fundamentais da constituição, decidiu que o posto deve ser sempre occupado por um dos seus membros, o qual não sendo especialista, ou militar, não poderá ganhar influencia preponderante¹.

Tudo nos indica que o poder do 1.º Lord é o mais amplo na pratica. *Ele não fiea obrigado a cumprir nem mesmo uma resolução unanime de seus auxiliares*². Pode por sua própria iniciativa alterar toda a distribuição de deveres no Almirantado; além disso, nos momentos historicos mais criticos, certas questões de alta politica são secretamente tratadas pelo 1.º Lord.

Mr. Childers, como já vimos, desprestigiando o Almirantado, chamou a si a Administração directa de todos os assuntos segundo a ordem em conselho, de 1869. A perda de um navio de guerra o *Captain* veio provar a inconveniencia de terem sido os seus planos aceitos sem a aprovação do Almirantado. Por outro lado, o Ministro, que, como já vimos, havia sido empolgado pelo construtor 3.º Lord Robinson, não hesitou em atirar-lhe a responsabilidade final.

Uma reacção operou-se. O incidente militar em favor da reafirmação do prestigio do Conselho.

Quanto aos officiais de Marinha preferem geralmente a con-

¹ Pag. 76.

² Stenzel. The British navy, pag. 76.

servação do prestígio incompleto de que gozam, à decisiva consagração oficial da autoridade ampla do 1.º Lord.

Mas o que é facto indiscutível é que a fixação das responsabilidades é o verdadeiro *fog* do Almirantado inglês, parecendo que, pela praxe, a responsabilidade dos diversos membros termina com o conselho dado ao ministro, em presença de todos, nas reuniões numerosas quasi diáriamente realizadas.

Conclusões

O estudo feito autoriza-nos a concluir, firmando em nossos espiritos os seguintes principios que a experiência indica:

- 1.º — Em administração naval, ha necessidade de conferência freqüente entre o ministro e as principais autoridades, em conjunto, como base metódica das decisões, elementos de rapidez de soluções e garantia de uma administração — às claras;
- 2.º — Essa conferência não deverá de modo algum solapar o prestígio do ministro, que representa o governo do país, a cujo bom senso de estadista a nação confia — pesar e *decidir*;
- 3.º — As vantagens ou desvantagens de ser o ministro civil ou militar não podem conduzir a uma preferência absoluta deste ou daquele. Qualquer que seja porém, deve ser militar de coração, de sentimento. Quando falamos, pois, em ministro militar, não queremos significar aquele que veste farda: *porque um ministro que se farda pode ser animado de sentimentos anti-militares, o que às vezes succede*, em detrimento da preparação das forças;
- 4.º — A autoridade que dirige o ramo que concebe a guerra, deve ter a sua voz garantida junto ao Governo Supremo. O meio legitimo de o obter, entre nós, será fazel-o sentar ao lado do Ministro no Conselho Superior de defesa nacional, que urge criar;
- 5.º — A parte *imprópriamente denominada civil* da organização não deve subsistir com exagerada autonomia, porque nem sempre aí dominam os sentimentos que condizem com a concepção e a utilização das forças. Deve ser fiscalizada judiciosamente, enxertando-se-lhe o sentimento militar.

(Artigo do capitão-tenente Eduardo de Brito e Cunha, publicado nos n.ºs 1, 2 e 3 da *Revista do Instituto dos Docentes Militares*, do Rio de Janeiro).

Subscrição nacional a favor dos prisioneiros de guerra portugêses

Dominada por um generoso sentimento do mais altruista patriotismo, a Direcção do nosso prezado colega da imprensa diária—*Diario de Noticias*, iniciou há tempo nas suas colunas uma subscrição nacional a favor dos prisioneiros de guerra portugêses internados na Alemanha, subscrição que, como era natural prevêr, tem encontrado o mais caloroso acolhimento em todos os corações portugêses e obtido os mais animadores resultados.

Não podia a Empresa da *Revista Militar* conservar-se indiferente ao patriótico apêlo feito pelo *Diario de Noticias*, tanto mais que entre os nossos camaradas prisioneiros e entre os sargentos internados na Alemanha, se contam algumas dezenas de assinantes nossos.

Em sessão da Direcção da *Revista Militar*, realizada em 9 de Outubro último, foi pois unânimemente resolvido contribuir para a referida subscrição com a quantia de 20\$00, lamentando déveras a Direcção que a intensa crise que esta publicação, como todas as suas congêneres, atravessa e que, desde o começo da guerra, dia a dia se vem agravando, não lhe permita subscrever com mais elevada importância.

Em 12 de Outubro, foi enviada ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo da Cunha a quantia de vinte escudos, acompanhada do seguinte officio:

«Ex.^{mo} Sr. Director do *Diario de Noticias*.

«A Direcção da *Revista Militar*, teria já contribuido para a subscrição «nacional a favor dos prisioneiros de guerra portugêses, entre os quais se «contam alguns dos seus assinantes, se o afastamento de Lisboa de vários vogais da Direcção não tivesse impedido a realização das suas sessões no mês «de Setembro findo.

«Tendo, porém, reunido em 9 do corrente mês, deliberou a Direcção,

«por iniciativa do vogal sr. Coronel Teixeira Botelho, contribuir para a referida subscrição com a quantia de vinte escudos, que junto remeto a V. Ex.^a, lamentando a Direcção da *Revista Militar*, que a dupla crise que no presente momento atravessa, uma comum a toda a imprensa periódica, outra especial e privativa dos jornais militares, devida ao afastamento para serviço de campanha de grande numero dos seus assinantes, reduzindo os seus recursos disponiveis, lhe não permita associar-se com mais avultada quantia à patriótica subscrição que o *Diario de Noticias* teve a generosa ideia de iniciar.

«Saude e Fraternidade».

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

a) *José Estêvão de Moraes Sarmento*

Julga ainda a Direcção da *Revista Militar* do seu dever, apelar para os generosos sentimentos de patriotismo e de camaradagem dos seus estimáveis leitores e assinantes e a todos solicita que, nos limites dos seus recursos, contribuam com o seu óbolo para a generosa e patriótica subscrição, pois nunca serão demasiados os recursos que se obtiverem e com os quais se diligencia minorar, quanto possivel, a triste sorte dos nossos infelizes compatriotas prisioneiros na Alemanha, os quais, depois de arriscarem intemeratamente a sua vida nas trincheiras da Flandres e suportado, alguns por mais de um ano, todos os perigos, incomodos e trabalhos inerentes à actual guerra, sofrem hoje a dolorosa provação de se verem internados em país inimigo e em país tão inóspito, mal alojados, mal resguardados contra as asperezas do clima, péssimamente alimentados, curtindo, bem pode afirmar-se, se generosamente e rápidamente se lhe não acudir, frio e fome.

Aos seus estimáveis leitores e assinantes, pede, pois, a Direcção da *Revista Militar*, que enviem directamente à Redacção do *Diario de Noticias*, as quantias, pequenas ou grandes, com que possam e queiram contribuir para um fim tão altruista e tão louvável, pois todas são de igual forma ali acolhidas e agradecidas.

Lisboa, Outubro de 1918.

A DIRECÇÃO.

Administração Colonial

A Capitania-mór dos Gangueles e Ambuelas

(Continuação)

A—Administração civil

Na acção do capitão-mór estão compreendidos todos os serviços que nas circunscrições já regularmente montadas competem a órgãos diferentes, com pessoal próprio e competente. Compreende-se, pois, facilmente, os embaraços em que se vê o capitão-mór para satisfazer a todos esses serviços e a forma porque, por maior que seja a sua boa vontade e dedicação, esses serviços correrão, quando para os desempenhar exista só . . . (é incrível, mas é verdadeiro) o capitão-mór! É esta a situação em que estive . . .

Em cada capitania tem que haver um escrivão, funcionário já habilitado pela pratica para a escrituração de todos os registos e que será o chefe da secretaria. Requer a existencia desse funcionário a importância dos registos que cumpre haver na capitania e os multiplos serviços que sobre ela impendem, como já vamos vêr, e que só tumultuariamente se poderão desempenhar, no estado como as cousas estão; reclamam-no os legitimos interesses pessoais dos cidadãos que animam aquelas paragens, os quais carecem que um legal registo civil aí esteja montado e funcione; exigem-no os próprios interesses do Estado, que tem a sua administração ao acaso. De resto é sabido que o capitão-mór não deve estar acorrentado à sua secretaria: *a autoridade deve mover-se*, está affirmado oficialmente em diplomas publicados no B. O. sobre a acção dos chefes das circunscrições. É esta uma verdade indiscutível. E a secretaria tem que funcionar, mesmo estando o capitão-mór ausente da séde.

B — Fazenda

Ainda veem os actos importantes deste ramo de serviço administrativo, assim como os do que seguidamente tratarei — justiça, apoiar mais a reclamação que insistentemente fiz de um escrivão habilitado para a capitania. Não é com leigos, com ignorantes, que os serviços derivados destes dois ramos de administração se podem cumprir com proveito para o Estado; nem é o capitão-mór, absorvido como tem o seu tempo por tanta diversidade de obrigações, que pode, só por si exclusivamente, olhar pela regularidade de tudo. Exigir-lhe, é exigir-lhe um impossível. E contudo ainda às vezes lhe distribuem por acumulação o comando de uma companhia!

A Fazenda tem um delegado na capitania, que cobra as receitas do Estado nos termos gerais, e que é em absoluto independente do capitão-mór. Está muito bem. Mas ha vícios lastimáveis cujas causas não cheguei a profunder, absorvido como tinha o meu tempo pelo que mais directamente estava à minha responsabilidade. De alguns dei conhecimento superiormente, de que mesmo houve surpêsa e se me deu razão, prometendo-se-me prontas providencias, mas nenhuma vi praticadas até ao momento da minha retirada.

Pois é importante o onus que resulta para a Fazenda de tais vícios.

Eu sabia que pelo mato a dentro enxameavam negociantes esquivados à contribuição industrial, dando-se a toda a espécie de traficancia. Ainda no ultimo mez da minha administração, um serviço que ordenei na região do Galangue, com o fim de estreitar relações com os povos, fez com que se dessem com negociantes estabelecidos sem licença e não poucos alambiques clandestinos a destilar alcool, sôbre o que immediatamente providenciei. Além disso, percorrem constantemente as diversas regiões negociantes ambulantes em comércio illicito, os chamados «vimbalis»¹. Estabelecida a guarnição da capitania com a infantaria montada, como já indiquei, poder-se-ia pôr em pratica um policiamento mais eficaz do que o que tem existido, com

¹ No singular — *quimbale*.

um aumento sensível de receita para a Fazenda e vantagens para o comércio lícito, que convém animar por todas as formas.

Mas onde o conjunto das medidas tomadas deverá produzir efeito mais apreciável é no imposto de cubata, que é de grande resultado civilizador, e que dentro de poucos anos deve render aproximadamente 40.000\$00 escudos. Garanto-o ¹.

Até ao ano anterior ao que iniciei a minha administração o rendimento anual máximo do imposto foi de 1.300 escudos. Quando retirei passava de 3.000\$00 o que já estava cobrado relativamente ao ano de 1911. E nem um tiro se deu, nem uma só prisão ordenei, por motivo do imposto. Tive até que ser muito benigno, porque o indígena lavra as suas terras na proporção das suas necessidades, e não esperando ter que pagar o imposto, não se tinha a grande parte, prevenido para esse pagamento, pedia-me espera, que concedi. Com as prevenções que fiz, a receita desse imposto em 1912, deveria aproximar-se já de 7.000 escudos ². Ignoro o que se haja cobrado.

Calculo em $\frac{2}{3}$ a população indígena que está ainda fóra da acção da autoridade, e de quem por consequência se não cobra ainda o imposto de cubata.

Os direitos de portagem estavam e estão ainda hoje, segundo me consta, completamente abandonados.

C—Justiça

A justiça, fonte perene donde em largos jactos pode brotar a civilização, é ministrada pelo capitão-mór e pelos sobas. Ha-de concorrer poderosamente para o progresso de aqueles sertões, quando o estado da guarnição militar permitir que se imponham os seus ditames. Nas condições em que a encontrei e a deixei nada pode fazer: a justiça é por ali uma palavra vã.

Na capitania de que estou tratando, ocupada (virtualmente) ha já bastantes anos, é ainda o soba o unico intermediário entre o povo e a autoridade.

Com o intuito de levar a acção da autoridade até aos limi-

¹ Como já disse a capitania tem 30.000 a 35.000 fogos, o que a 1\$50 dá 45.000\$00 a 52.500\$00 escudos.

² Em 1911 o imposto era de 60 centavos por cubata, e de ano para ano aumentava 10 centavos.

tes da extensa área das circunscrições, deparou-se-me em vigor o sistema que consta do regulamento do serviço das divisões de 14 de novembro de 1885, além de alguns outros diplomas subsidiários.

Esse bem pensado regulamento contem preceitos que apesar do tempo decorrido em nada perderam de oportunidade e cabimento. Mas, nas próprias circunscrições já de longo, perfeito e completo dominio se tem tido que lutar com a dificuldade do provimento dos cargos de comandantes de divisão em pessoas idoneas, além de que as funções são gratuitas, apenas compensadas com certos emolumentos, o que dá lugar a abusos. A sua execução pratica não pode, pois efectivar-se em territorios de dominio incompleto, ainda pouco povoados de elementos civilizados, como os da capitania que me ocupa. E o unico recurso que resta é o soba, que até certo ponto não deixa de satisfazer.

Conforme está oficialmente muito recomendado e é boa doutrina, a autoridade tem sempre que ser ciosa da delegação directa do poder que exerce e subtrair até onde poder os selos do Estado que lhe foram confiados às contingencias de quaisquer responsabilidades menos consentaneas com o prestigio da soberania civilizada e justa, de que é representante immediato na respectiva circunscrição.

A administração por intermédio dos sobas ou análogos chefes indigenas, satisfaz em certo grau ao *desideratum* que acabei de expor. De facto, eleito o soba pelos séculos e povo, êle exercerá o mando perante a sua tribu, não por influencia dos selos do Estado, que ninguem lhe entrega, mas sim por delegação da mesma tribu, dentro da qual, por tanto, teem de debater-se as responsabilidades, sem compromisso da autoridade superior, embora esta não deixe de intervir a tempo devido.

Mas intervirá guardando para si o papel de arbitro tutelar, que, entre populações queixosas ou mal guiadas, e sobas prepotentes ou retrogrados, interpõe as sugestões e o predominio da razão direita e dos progressos e interesses gerais, manejando mesmo nos devidos casos a vara da justiça, depondo com publica declaração de motivos o inculpado ou o incapaz e mandando que, na observancia das formalidades do estilo, a sua gente lhe nomeie sucessor.

Assim, reserva-se para a representação da soberania só os

encargos elevados, protectores e inatacaveis pela menor suspeição. Assim, a autoridade imprime à administração da justiça, quer no fundo, quer na forma, esse cunho de rigor, de dignidade e de escrupulo que a tornam respeitada e procurada, tendo em vista não só o cumprimento dos deveres de um govêrno consciente e moralizador, como a aquisição desse valioso meio de influencia de predomínio que uma justiça nesses termos de facto constitue.

Mas toda esta doutrina, estabelecida superiormente e recomendada numa circular do Govêrno Geral publicada no B. O. n.º 40 de 1908, falece ante a impossibilidade em que a autoridade se vê de impor os seus ditames, quando os não veja aceites, quando até se produz a própria rebelião, como ainda pouco antes da minha posse havia acontecido. Nem o soba é hoje a autoridade que foi. O soba, por ali, está no geral desautorizado e volta e meia ou é deposto, ou êle próprio abandona o sobado, por não conseguir fazer-se obedecer. Já não goza dos privilegios de que disfrutava em outros tempos o potentado africano que se impunha pelo terror; e a autoridade, que não tem força para se impôr a si própria, muito menos a tem para impor os sobas ao respeito dos povos. É frequente por ali o soba ser injuriado e mesmo expulso pela gente nova da embala, quando êle pretende compeli-la ao serviço de carregadores ou ao pagamento do imposto. Os castigos de maior rigor que tive de aplicar foi para reprimir os desacatos aos sobas pelos do próprio povo, pelos rapazes, mas isto numa parte bem restrita da circunscrição. Para o E., desde o Cuchi até aos confins de Menongue e também para o Sudoeste até Cassinga, onde a minha acção não podia chegar por falta de força sufficiente, por aí pode dizer-se que impera a anarquia e com esta a consequente miséria.

Extirpar-se-ha tão profundo cancro restabelecendo a força militar nas condições que indiquei.

* * *

Amiudadas vezes é o capitão-mór chamado ao exercício das funções de juiz instrutor, que andam inerentes ao seu cargo. E' então nomeado escrivão *ad hoc* um dos indivíduos militares

que tem a sua disposição. Não poucas vezes sucede não ter ninguém e no geral tem que lançar mão do que ha, satisfaça ou não, de qualquer criatura que rabisque umas letras. Eis aí o temos a organizar todo o processo, a parte do escrivão, a parte do official de diligências, para depois serem rabiscadas pelos que figuram desempenhando êsses cargos!

Outras vezes chegam ao seu conhecimento factos criminosos praticados lá longe, para as terras do Menongue ou de Cusaba, e dos quais factos resultam a desconfiança, o odio do preto ao europeu. Mas, não pode lá ir, porque não tem quem fique na séde da capitania; no logar do crime, ou próximo, não tem em quem delegue; e o crime fica impune, deixando os delinqüentes prosseguir na sua obra dissolvente; as queixas das vítimas ficam sem satisfação.

Pelo que fica exposto, pálido reflexo da situação em que me vi, é fácil concluir-se a perfeição e a oportunidade com que é desempenhado o importante ramo da administração da justiça.

Êste mal seria muito atenuado, havendo na capitania o escrivão a que me refiro.

D — Agricultura, comércio e indústria

Agricultura. — Num relatorio que em princípios de 1912, diriigi ao Governo Geral, dizia eu: «Eis-nos no ramo que aqui nesta circunscrição mais tem entrestecido o nosso coração de portuguez, ante a esterilização que se patenteia aos nossos olhos, a nós que na nossa qualidade de lavrador que sômos na Metrópole, e por cujo título nos concederam em tempos uma comenda, após a exposição dos nossos produtos, tanto amor lhe votamos!

«Não haverá no distrito de Benguela muitas terras mais ricas do que estas dos Ganguelas. É assombrosa a sua produção. Na 2.^a quinzena de dezembro já se coínia assado milho atirado para a terra em meados de outubro! E, comtudo, nem uma só fazenda agrícola existe em toda a circunscrição, além da da missão católica do Cubango. Causa — o grande afastamento do litoral, o onus que para os produtos resultará do seu transporte até às zonas de consumo e portos de exportação.

«As fazendas agrícolas são para o gentio escolas uberrimas

de efeitos civilizadores; aumentam a riqueza do país e, arrancando à ociosidade o gentio indolente, avigora-lhe a raça.

«Ante a importância capital que tem, pois, um tal assunto, detenhamo-nos aqui um pouco mais; profundemos mais do que as outras esta questão magna.

«Chegado o caminho de ferro ao Huambo e para isso pouco falta segundo as informações que temos, o Cubango estará a 6 ou 7 dias dessa viação acelerada, contados conforme os meios de que presentemente se faz uso. Substituídos os antidiluvianos carros boers por outros veículos que menos danifiquem as estradas, mais fáceis sejam de mover e mais se vulgarizem por serem de um custo mais compatível às pequenas posses; melhorada a estrada que vem do Huambo e prolongada até ao Cubango¹, com as precisas pontes em boas condições de estabilidade e de duração, deveremos ter não só reduzidas as étapes, mas meios de transporte mais freqüentes e mais acomodaticios aos interesses agrícolas. Uma tarifa especial do caminho de ferro faria o resto.

«As estradas, os meios de transporte, eis o grande escolho.

«Temos muita vez preguntado a nós mesmo, se a verba espantosa que se consome com carregadores para funcionários, correios e cargas do Estado, não cobriria a despesa que se fizesse com a construção de estradas verdadeiras e até mesmo com a montagem de um serviço de transportes para correio, passageiros e cargas, lançando mão de bois para a tracção dos veículos, desses bois que vemos trotar durante leguas, como se fossem muares.

«E os dias infrutíferos para o Estado, onerados com a ajuda de custo, que os funcionários estacionam nas diferentes localidades a titulo de esperarem pelo levantamento dos carregadores?...

«E o emprego de individuos aos centenares a proceder a esse levantamento?...

«Não dará tudo isto para a construção de estradas?

«Com o auxílio do gentio, obtido por meio das autoridades com a aplicação plena do art. 78.º o seu § único do Regulamento das Circunscrições, as estradas não poderão ficar

¹ Está já feita esta estrada, pelo que me consta.

demasiado dispendiosas. Nesta circunscrição vemos nós que a troco de uma bagatela poderemos construir as estradas precisas, sendo as principais—a de penetração, prolongamento da que vem de Caconda, desde o Cunene até aos limites de Menongue, com as maiores dificuldades a vencer na serra do Amaral; e aquela a que acabamos de nos referir—ligação do Huambo com o Cubango, pondo esta localidade em comunicação mais rápida com o caminho de ferro.

«Mas seja tudo o que acabamos de escrever uma utopia, que o não é. Em terras de uma tão extraordinária fertilidade, em que o milho surge maduro como por milagre; o trigo dá 100 sementes; os pomares brotam como por encanto, dando-nos frutos deliciosos; em que as hortas como que nascem espontaneas: balouçam-se por incomensuráveis áreas, não só nas terras fundas, mas até nos planaltos das montanhas, altos pastos em que podem encontrar alimento cubicável milhares de rebanhos de qualquer gado.

«Porque se não explora tão colossal riqueza?

«Houve já larga exploração, embora por forma primitiva, extinguiram-na as *razzias* dos cuanhamas, arrastando todos os anos o gado que por aí se criava em abundância para as terras deles, donde se escoou pelas fronteiras por uma permuta infima a enriquecer o estrangeiro.

«A *caonha*, essa terrível doença que nunca por ali se procurou combater eficazmente, acabou com os restos de exploração tão importante.

«São simples as medidas que de principio se devem adoptar para o fomento desta riqueza que se esterilizou: resumem-se a acabar por uma vez com o banditismo dos cuanhamas, para o que bastará *querer*; à promulgação de algumas providencias conducentes a facilitar femeas, de que ha grande falta; e ao combate das doenças que mais vitimam as espécies, atacando principalmente as suas causas.

«O resto que ha a fazer, a applicação dos processos zootênicos é nas granjas; mais adiante versaremos este assunto».

Hoje a locomotiva já fumareja para cima do Huambo; a estrada em que tanto me empenhei de ligação do Huambo com o Cubango, está feita; e o cuanhama, segundo se afirmou oficialmente, está dominado. Tudo isto já se conseguiu! Até esse lendario cuanhama que tanto afirmei que bastava

querer para dominar, já deve ter deixado de ser o terror daqueles povos, que por causa desses bandidos *viviam uma vida miserável*¹.

Mas ha mais ainda que fazer para completar a obra de comunicações necessárias ao Cubango, conforme o meu projecto: é o estabelecimento de uma mala posta, quinzenal por ora, entre o Cubango e o Huambo. Quem conhece o sistema de transportes em vigor no mato, avalia facilmente as vantagens consideraveis que resultam do estabelecimento deste serviço. Assim, a ligação entre o Cubango e Benguela far-se-ha em 5 dias. Pois eu recebi telegramas de Benguela que levaram 13 dias a chegar às minhas mãos!

O gado a empregar nesta diligencia deve ser bois, com dois postos para mudas; mais tarde se lançará mão dos autos, o que permitirá reduzir ainda mais as étapes.

Da adopção desta medida só resultará economia e grande. Estou convencido que basta o que se poupará com o correio para cobrir as despesas.

Comercio.—Sôbre o comércio o que poderei especialmente dizer?

O comércio vive da agricultura de que acabei de tratar; da indústria sôbre o que já vou escrever o que penso; e é facilitado pelas vias de comunicação, àcerca do que já disse o que se me oferece. Ainda está ligado ao assunto «colonização» que não cabe aqui versar agora, atenta a extensão que requer. A iniciativa particular é que pode aqui muito, como é sabido.

De resto os nossos cuidados limitar-se-hão a proteger o comércio licito da concorrência dos traficantes, e em assegurar-lhe a liberdade de acção, o que tudo depende de um sufficiente policiamento. Havendo um policiamento eficaz a expansão comercial terá lugar por si mesmo.

Industria—Também aqui temos que nós demorar um pouco mais.

¹ Ha quem me afirme que ainda continuam as *razzias*.

Aproveitamento e aperfeiçoamento da indústria própria da região

Borracha — A fabricada pelos Ganguelas (muito pouca) é ordinária, defeito devido não tanto á ignorância dos meios a empregar para a molhorar, mas principalmente á indolencia extrema a que estes povos são dados e que os leva a trabalhar o menos possivel; além disso conservam-na mal e neste ponto por ignorância e também por falta de casas próprias.

A produzida pelos luchares e quíocos, principalmente por estes últimos é de fabrico mais cuidado — 2.^a qualidade; pelo que diz respeito á conservação dão-se os mesmos vícios.

A concorrer para a inferioridade com que este rico produto aparece no mercado, temos mais as deficiências dos transportes e o desleixo ou ignorância dos encarregados desse serviço.

Bastantes e parece que suficientes estudos se teem feito sobre este assunto; o que falta é aproveitá-los, traduzindo na prática o que a teoria aconselha. Uma das conclusões a que se chegou, é que não ha meio de obter tal produto mais economicamente, pelo menos pelo que diz respeito ao que é extraído das plantas naturais destas regiões, do que recorrendo á mão de obra dos indígenas. Logo, forçoso se torna educá-los em tal trabalho, diligenciando principalmente fazer-lhes compreender que mais vale pouco bem trabalhado do que muito imperfeitamente produzido. São importantes as somas que se consomem com o transporte de grandes massas de pouco valor, e até de nenhum, (quando chegam ao mercado), onerando sensivelmente a receita no balanço final. O volume das mercadorias, em relação ao seu valor intrinseco, influe poderosamente no activo das transações comerciais. Haja em vista, porque temos aí um exemplo bem frisante, o escolho que nos levanta a exploração da algodão, resultante do seu volume. Todas estas razões nos aconselham, pois, a envidar os nossos esforços no sentido de melhorar o fabrico da borracha e as condições do seu transporte.

Talvez também não deixe de ser conveniente dispensar alguns cuidados de cultivo ás plantas produtoras, que não de-

verão deixar de seguir as condições naturais a todas as plantas, assim o excesso de produto recompense o trabalho. Desconheço se algumas experiências se teem feito neste sentido, comparando o produto que se obtem da erva que se desenvolveu espontaneamente, abandonada a si própria, com o que se alcança da erva que se cultive com algumas regras, não só em relação á quantidade, mas também á qualidade, que será talvez superior.

Não será um erro a criação de campos experimentais apropriados á cultura das plantas indígenas, ou pelo menos talvez não se deva pôr de parte a difusão das regras aconselhadas para a sua exploração no próprio local em que espontaneamente existem, tornando proprietários dos terrenos aqueles que lhes dispensem os seus cuidados.

Também temos a aclimação das plantas, reconhecidas como boas produtoras da materia, e isto forçosamente em campos especiais.

Cera — A facilidade com que se obtem a cera em grandes quantidades, tem feito com que poucas atenções se dispensem á produção deste artigo. Todavia é certo que a qualidade da cera melhora com o aperfeiçoamento dos processos de fabricação e até com a escolha das plantas de que se alimentam os artistas que a elaboram — as abelhas, das quais plantas convem fazer cultura a propaga-las. E' ramo de riqueza pública já muito estudado e nada mais ha a fazer do que difundir os processos aconselhados pela experiência culta, cujo conjunto se pode pôr em prática numa instalação modelo anexa á respectiva granja, que deve existir, que é forçoso existir junto á sede de toda a circunscrição. Aí poderão os indígenas ir tomando conhecimento dos preceitos que lhes convem seguir para maior aproveitamento de um produto que tanto concorre para a satisfação das suas necessidades, sem falarmos do mel que eles aproveitam para uso próprio. Deve, porém, atender-se e como regra geral, que os indígenas não dispõem de máquinas ou de quaisquer engenhos complicados, nem teem mesmo facilidade na sua conservação. Os processos mecânicos de mais difícil manejo e para os quais sejam precisos capitais, ainda mesmo que de pouca importância, teem que ser reservados para estabelecimentos de exploração culta.

Os processos a adoptar por ora, e de que se se deverá fazer propaganda, teem de ser adaptaveis aos obreiros ignaros que são os indígenas. Não se podem atropelar as leis naturais de evolução.

Em conclusão — a apicultura, tal como ainda é feita, tanto pelos nhembos, como pelos próprios quiocos, é grosseira e até prejudicial. Não ha cuidado algum com as pobres abelhas, que chegam a ser desprovidas de todo o mel, quando fazem a colheita; os processos de utilização e conservação da cera e do mel são os mais rudiimentares.

Cerâmica — Aparecem alguns produtos desta arte, muito grosseiros e de feitio pouco racional. Mostram-nos esses espécimens que ha aptidões a desenvolver, tendo especialmente em vista o consumo local. Influirá na economia dos colonos quando haja atingido um aperfeiçoamento regular. Argilas não faltam.

Pesca — Houve uma crise de fome na circunscrição, principalmente para as regiões de Menongue, e dos lados de Cassinga, que me obrigou á adopção de medidas extraordinárias. Nessa ocasião tive de reparar, que o peixe seco ordinário que por ali se vende, assumira o preço dum escudo e mais por quilo, e querendo recorrer ao peixe dos rios deparei com verdadeiras dificuldades, pela razão dos rios levarem muita agua.

A exploração deste ramo de indústria está em completo abandono. Só os Ambuelas¹, lá para as margens do Cuito, a exercem com algum resultado, chegando mesmo ao emprego da seca. Salga não fazem porque ha falta de sal².

No entanto, ha nos numerosos rios da parte da circunscrição habitada pelos Ganguelas, magnifico peixe³ que pode ser uma fonte de receita importante para muitos povos e concorrer para melhorar as condições de vida de todos os seus

¹ Os Ambuelas, originários das margens do Cuito, habitam de preferencia as margens dos rios por serem pescadores.

² A melhor maneira que eu tinha de adquirir ovos de galinha, quando andava pelo mato, era oferecer sal em troca: uma colher de sopa, rasa, por cada ovo.

³ No tempo sêco saboriei belas carpas, de 2 a 3 quifios, compradas aos indígenas pelo correspondente a 20 centavos cada uma.

habitantes. Basta que esta indústria seja explorada para o consumo local para compensar as providencias que sobre ela se adoptem. Os processos que se estão seguindo no aproveitamento do peixe são o mais possível rudimentares e primitivos: inutilisa-se a criação com o sistema de pesca seguido — «chengos», em que se colhe o peixe mais miudo, e com a aplicação de veneno, — «vulu», planta que envenena as águas tornando-as nocivas a quem as beber, e que faz sobrenadar morto todo o peixe, que o gentio consome mesmo assim.

Salga e seca, por ali, não há. Esta ultima não será muito urgente por essas regiões. Como são bastantes os rios de importância banhando todas as regiões, bastará a salga, uma vez que seja bem feita, para permitir a condução do peixe às localidades em que falte.

Torna-se necessário regular administrativamente a pesca, quanto ao modo, tempo e multas correcionais; e oportunamente promover o ensino da salga e da seca, mesmo com o concurso dos ambuelas.

Não deixa de ser esta uma indústria cujo ensino se pode montar também na granja-escola, até como conveniente para a alimentação do seu pessoal. Tudo o que seja concorrer para eliminar o uso de conservas permanentemente, é util à colonização, pois é do conselho de todos os higienistas que só se deve recorrer às conservas para alimentação em ultimo recurso.

A metalurgia e o curtimento de peles não oferecem nesta circunscrição processos mais perfectos dos que em geral seguem os indigenas.

Introdução de ramos de indústria desconhecidos nas regiões da circunscrição

A civilização do gentio é a resultante das medidas gerais tomadas numa harmonia de vistas previdente e pratica. De alguns factores entendi tratar especialmente, porque são coefficients de maior valor e de necessidade mais immediata.

Em obediencia a este ponto de vista, no relatório a que já me referi propuz como urgente a criação de várias oficinas, nestes termos:

«Devem criar-se imediatamente na capitania oficinas para os seguintes officios:

Carpinteiro, marceneiro, serralheiro, pedreiro, canteiro, alfaiate, sapateiro, funileiro, olaria, costureira.

«As oficinas de carpinteiro, serralheiro, canteiro e pedreiro, aproveitar-se-hão como as restantes para a factura de tudo quanto de tais artes é necessário para a vida do colono, mas serão applicadas especialmente à construção de edifícios, pontes e veículos destinados a serviço público.

«A olaria produzirá também louças, mas tem por fim principal o fabrico de tijolos e telha para edificações, e incluye o fabrico de adôbes.

«A oficina destinada ao ensino do officio de costureira será anexa à escola feminina, cuja fundação proponho mais adiante, assim como a do sexo masculino.

«Para mestres e ajudantes destas oficinas, como medida forçada pelas más condições económicas da colónia, serão escolhidos condenados; mas procurando remediar tanto quanto possível os inconvenientes que oferecem estes indivíduos, por uma escolha severa pelo que diz respeito à sua indole e costumes. Os subjugados pelo vicio da embriaguês e os de reconhecida depravação moral, como são em regra tais criaturas quando oriundas dos grandes centros de população, deverão ser excluidos.

«Desnecessário é enumerar os benefícios que resultam para a civilização e economia da colónia trazendo o gentio à aprendizagem dos officios indicados¹.

«As oficinas serão montadas e mantidas sem outro encargo para a Província que não seja o fornecimento da ferramenta indispensavel e a apresentação no local dos mestres e ajudantes, que perceberão pelo Depósito de Degradados os seus ven-

¹ Nas investigações etnográficas a que me dei, vim a conhecer que o «ganguela é ávido de saber, salientando-se como teimoso em questionar só pela mira de adquirir conhecimentos. Singularmente hospitaleiro, recebe no intimo da família um estrangeiro tratando-o como um aliado, mesmo como um parente. Docil ao extremo, esta boa qualidade só lhe tem servido para ser espoliado desalmadamente pelos negociantes sem escrupulos. «O grande defeito dos ganguelas é terem os costumes muito fáceis», diz o Rev. Keiling, superior das Missões do pñalto.

cimentos ordinários e pela Capitania uma gratificação por cada dia de trabalho.

«O fabrico de tijolo e telha, tornando as edificações duradouras, acabando com o emprego do capim, origem de tantos incêndios com lamentáveis prejuizos e dispensando a aquisição e dispendioso transporte de zinco (tão pouco próprio para estes climas e em que tantas dezenas de contos se consomem) admirá-me que não esteja ordenado para todas as localidades onde haja matéria própria para a sua produção».

Na capitania houve já oficinas muito regularmente montadas e que prestaram optimos serviços. Atestam-no todos os fortes existentes na circunscrição. Por circunstâncias, porém, que desconheço, mas que naturalmente serão devidas à falta que então ainda reinava duma vasta dominação como já hoje existe, não se estendeu pelo gentio o benefício da aprendizagem dos ofícios que se estabeleceram, e que só se ministrou a soldados indigenas da guarnição. Ainda encontrei um destes soldados, muito razoavelmente apto em marcenaria, que faleceu pouco antes da minha retirada. Dois outros lá ficaram, que poderei classificar de aprendizes esperançosos, e davam já uns carpinteiros sofríveis.

Granja-escola

Não falta, na Província, legislação sôbre agricultura, artes e ofícios.

Não tem faltado a criação de postos experimentais de culturas, granjas, jardins experimentais, postos algodoeiros. Ainda em 1911, com o Regulamento das Circunscrições Cíveis, se determinou a criação em todas as circunscrições cíveis de granjas, que foram classificadas em quatro tipos.

A maior parte tem, porém, falido.

Em todas as tentativas ha uma marca certa: o custeio, além da montagem, que com algumas tem subido a dezenas de contos, é por conta do Estado.

Pois eu propuz a criação de uma granja-escola na séde da capitania, vivendo por conta própria, e com cuja montagem se não chegaria a gastar 3 contos.

Estou inteiramente convencido que a idéa devia ter despertado alguns sorrisos de comiserção.

No entanto eu comprometia-me a efectivar a proposta, garantindo que o Estado não sofreria prejuizo algum. Mal pensava eu que semelhante compromisso daria origem a uma infame intriga, já quando havia regressado à Metropole, intriga que afinal teve os dentes quebrados ante a rigidez da verdade de todos os meus actos.

Tive que abandonar a capitania poucos meses depois de feita a proposta, solicitando a minha exoneração, para tratamento da minha saude abalada pelo excesso de trabalho a que fui sujeito, em consequência de me vêr só, sem elementos que me ajudassem, e querer, apesar disso, cumprir com a minha missão. Ignoro o conceito que superiormente se fez dessa proposta. O que sei, por me ser asseverado em documentos que conservo, é que nas altas regiões da Provincia se me reconhecia um bom critério administrativo.

Ha 6 ânos já que escrevi a proposta; esses anos decorridos, em que não abandonei o estudo da questão, teem radicado em mim a convicção de que ela é exequivel. Não mantenho, porem hoje o compromisso de a efectuar, por razões que me dispenso de expor.

E sendo certo que o Estado pouco ou nada pode perder com a experiencia; tendo com a administração que fiz provado que sou homem que sabe administrar sem o emprego de meios violentos; hoje que a subjugação dos cuanhamas expurgou aquejas terras do cancro que as depauperava: não se fazer a experiencia que aconselhei importa um acto que ousa classificar de êrro.

A proposta a que me refiro, compreendida no relatorio a que já fiz menção, foi feita assim:

«Anexa à Capitania será criada uma granja-escola, montada de forma a satisfazer as exigencias de tudo o que deixamos desenvolvido quando tratamos especialmente dos diferentes ramos de administração. Vem, pois, a compreender a cultura de mantimentos, experiencias culturais, campos para multiplicação das plantas que fôr necessario propagar (viveiros), a industria pecuaria, e o ensinamento pratico do que mais interessa ao indígena para a sua agricultura e industrias dela derivadas. E' conveniente que a pecuaria abranja a criação,

embora em pequena escala, de gado cavalari e muar e que a todas as espécies se vão applicando os processos zootecnicos que conduzem ao seu aperfeiçoamento,

«Como mais adiante se diz ao tratar da receita necessaria a todo o proposto, uma vez montada a granja com o animal necessario e as precisas maquinas, utensilios e sementes, o estabelecimento terá vida propria, isto é, viverá dos recursos da circunscrição; e como de principio haverá dificuldades para o seu desenvolvimento, as primeiras explorações a efectuar serão as que mais immediatamente deem receita certa, como são a engorda de gado e as culturas de borracha, cera, tabaco e trigo.

«Dentro do exposto deveremos ter na granja:

«a) Ensaio das culturas das plantas mais ricas em produção de borracha e criação de campos culturais das que se forem aclimatando, destinados especialmente à multiplicação dessas plantas;

«b) Idem com as plantas proprias para a alimentação das abelhas, reconhecidas como mais recomendaveis para a produção do mel;

«c) Idem de toda e qualquer outra planta que ofereça probabilidade de adaptação e cuja aclimação seja vantajosa à economia;

«d) O ensino do fabrico de borracha compativel com os recursos dos indígenas, e das precauções necessarias à sua conservação e transporte;

«e) O ensino do fabrico de cera, sua colheita, e tratamento das abelhas, montando uma exploração modelo, mas dentro dos recursos de que o indígena dispõe, o que não excluirá o estudo da applicação dos modernos processos, mesmo para se conhecer o que deles se pode colher adaptavel aos recursos indígenas;

«f) O ensino do fabrico dos produtos lacticinios, logo que possa ser;

«g) O ensino dos processos de ensacar carne, conserva da mesma e do peixe por meio de salmouras e da séca;

«h) Criação e engorda de gado de toda a espécie, sendo a de bovino, lanigero, caprino e suino em larga escala; educação de gado bovino destinado a trabalho;

«i) Prados artificiais, logo que sejam conhecidas as plantas aclimataveis.

«Não sabemos se é conhecido o valor alimentar do capim. E' necessario conhece-lo, por meio de analyse feita em estabelecimento proprio, para se saber se é ou não preciso o cultivo de forragens proprias destinadas especialmente às femeas que estejam alimentando crias, a fim de se ir conseguindo o aperfeiçoamento das especies, para o que não basta a aquisição de bons exemplares reprodutores.

«O pessoal para o ensino dos diferentes ramos deve ter sido preparado nas escolas profissionais, onde quer que existam, mas todo tem que ser pratico, homens de trabalho manual.

«E' de suma conveniencia que todo o pessoal permanente interesse nos resultados da granja. O unico meio será participarem todos do saldo positivo, quando o haja, com uma percentagem proporcional aos seus vencimentos. Este processo fará com que cada um zele pelos progressos da granja, como fazenda que seja sua.

«E' também conveniente estabelecer algumas vantagens para aqueles que, no fim de um determinado tempo de serviço na granja, se queiram estabelecer agricolamente por conta propria.

«Para que a granja possa ter um desenvolvimento mais rapido e seguro, muito razoavel nos parece que se lhe ministre um fundo não inferior a um conto de réis, de que a Fazenda se indemnizará por quotas anuais, logo que a receita o permita. A granja tem que viver, pelo menos um anno, sem colher receita alguma, fazendo só despesa; é esta circunstancia que torna necessario o fundo pedido, que pode ser abonado pelo fundo permanente da capitania, por meio de cedula a resgatar oportunamente, por anuidades satisfeitas conforme os recursos de que a granja vá dispondo. Como a granja será a grande fornecedora de generos para a alimentação da guarnição militar, o reembolso desse dinheiro está até certo ponto garantido.

Receita para o custeamento das oficinas e granja-escola e execução pratica de quaisquer outras medidas aconselhadas pelo fomento proprio da circunscrição.

«Tanto a granja e seus anexos, como as oficinas, munidas por conta da Provincia com o gado, maquinas, utensilios e ferramentas indispensaveis ao seu funcionamento, terão vida propria, sendo as suas deficiências satisfeitas por conta da capitania.

«Para este fim criar-se-ha na circunscrição um fundo de fomento com as seguintes receitas.:

«20 % sobre o imposto de cubata;

«O total dos direitos de portagem;

«O total das receitas liquidas obtidas pelos produtos da granja com os seus anexos e os das oficinas.

«Para a administração deste fundo criar-se-ha uma «comissão administrativa», tendo como presidente o capitão-mór, como vogais dois representantes do commercio e agricultura eleitos pelos habitantes da localidade e como secretario, sem voto, o escrivão da capitania.

«Esta comissão elaborará os regulamentos necessarios ao bom funcionamento dos diversos serviços; a ela competirá a applicação do fundo de fomento, sustentando e desenvolvendo a granja e as oficinas, mantendo as duas escolas de ensino primario, melhorando as condições das estradas da circunscrição em todas as suas partes; finalmente promovendo a execução de quaisquer medidas que concorram para o progresso de todos os ramos de administração, sempre com a maxima economia e o maior proveito.

«A escrituração será regulada segundo a legislação em vigor para as circunscrições já regularmente organizadas, na parte applicavel, tendo a granja e as oficinas a sua escrituração propria separada.

«Toda a escrituração ficará sujeita á inspecção superior.»

MELLO E ATHAYDE

(Conclue).

Obras oferecidas

- 1 **Tratado elementar das agulhas magnéticas, giroscópicas, electromagnética**, pelo capitão de mar e guerra e engenheiro hidrógrafo, A. RAMOS DA COSTA.—1 opusc. de 84 pag. com gravuras intercaladas no texto (0^m,22×0^m,16).—Lisboa, 1918.

A recomendação mais especial que se pode fazer desta obra é dizer que constitue a segunda edição de outra, publicada em 1899, a qual se encontra esgotada, o que prova quão bem recebida ela foi dos especialistas.

Mas a nova edição aparece completamente refundida e acrescida com estudos referentes a duas modernas agulhas: a *giro-agulha* e a *radio-agulha*, o que obrigou a dividir em três partes distintas o tratado em questão, que são:

- 1.^a parte—Agulhas magnéticas;
- 2.^a » —Agulhas giroscópicas;
- 3.^a » —Agulha electro-magnética.

Na primeira parte são estudadas, além das noções mais essenciais do magnetismo terrestre, os vários sistemas de agulhas magnéticas, bem como a sua regulação e compensação, com a exposição das doutrinas indispensáveis para a nítida compreensão do assunto. O remate é constituído pela descrição de todas as influências que, mais ou menos, podem perturbar as referidas agulhas.

Entrando na exposição da segunda parte, são expostas algumas noções elementares da teoria do giroscópio, mas mais especialmente da giro-agulha (tipo norte-americano), por ser esta a mais engenhosa, a que oferece melhores dotes característicos e a mais vulgarizada. No entanto, na sequência do trabalho fazem-se referências apreciáveis às agulhas auxiliares e à giro-agulha (tipo alemão), terminando com o confronto da giro-agulha com a agulha magnética.

Na terceira parte é nitidamente exposto o único tipo da agulha electro-magnética, por emquanto conhecida, que é o de Tosi e Bellini, seguindo-se-lhe a exposição dos principios mais rudimentares da telegrafia sem fios. Deve notar-se que, da referida agulha, embora embrionária, ainda se não tem feito referência em qualquer livro da especialidade.

No prefácio com que abre o *Tratado*, declara o autor haver abandonado, por completo, todas as teorias complexas e formulas matemáticas relativas ao desenvolvimento da *sciência das agulhas*, tendo em mira apenas conseguir, que as doutrinas expostas ficassem ao alcance de todos

os indivíduos, que hajam de lidar com aquêles instrumentos nauticos, qualquer que seja o desenvolvimento da sua cultura.

Quem conhece os vários trabalhos científicos com que o nosso prezado consócio e camarada tem dotado o ensino, especialmente o superior e secundário, sabe que a nitidez da exposição dos assuntos é um dote que lhe é especial, o que lhe valeu que alguns desses trabalhos houvessem sido premiados com a *medalha de ouro*, na Exposição do Rio de Janeiro, em 1908.

De esperar é, portanto, que a sua nova obra receba o melhor acolhimento, tendo o mais rápido consumo, tal qual succedeu, à primeira edição.

- 2 Ministério da Marinha. — **Disposições regulamentares para os serviços de artilharia a bordo dos navios armados.** — 1 vol. de 260 pag. com sstampas (0^m,23×0^m,14). — Lisboa, 1918.

Abre este interessante *Regulamento* com a exposição das qualidades de artilharia, que constituem o armamento dos nossos navios de guerra, e bem assim com a do pessoal que lhes é correlativo, descrevendo seguidamente as atribuições que a cada um de seus membros compete.

Seguem-se-lhes as Instruções ácerca das remoções e paiois, e logo depois as regras a que deve ser subordinada a instrução da artilharia a bordo dos navios armados.

A segunda parte do livro é constituída pela reprodução dos preceitos a que deve ser subordinada a instrução do tiro; a terceira, pelos relativos à sua regulação; a quarta, pelos referentes ao serviço de fazenda e escrituração do material de guerra; a quinta e última pelos mapas em que se contêm as características da artilharia, das armas portáteis e metralhadoras no serviço da marinha; fechando o volume com mapas diversos e tabelas de conversão de medidas inglesas e métricas.

É livro absolutamente indispensável a todos os oficiais e praças graduadas da marinha, que tem o mérito de codificar as disposições existentes sobre os assuntos a que precedentemente se faz referência, e também o de aperfeiçoar a antiga legislação, harmonizando-a com o progresso das instituições e das sciências e indústrias.

- 3 Academia das Ciências de Lisboa — **Boletim da segunda classe — Actas e pareceres — Estudos, Documentos e noticias.** — Vol. XI. Fasciculo n.º 1 — Novembro a março, 1917 — 1 vol. de 598 pag. (0^m,23×0^m,14) — Coimbra, 1917.

É uma obra verdadeiramente preciosa a que hoje anunciamos, porque no volume presente e nos anteriores se contêm as mais variadas informações e os mais interessantes estudos ácerca da nossa história e literatura.

As actas da Academia, por isso que são cuidadosamente redigidas, expondo os assuntos tratados com particulares minucias, merecem a leitura dos estudiosos, que nelas encontrarão informações, que de balde buscariam em outros logares.

Depois, seguem-se-lhes uma série de estudos, devidos a diferentes académicos, que contribuem valiosamente para o enriquecimento da história e literatura pátrias. Para comprovar o asserto basta citar a seguinte lista dos trabalhos contidos no volume que anunciamos:

Alberto de Oliveira—Estudos brasileiros na Academia Brasileira de Letras;

Lopes de Mendonça—Sobre a palavra «Soldado»;

Pedro de Azevedo—O traslado da Carta de D. Afonso IV ao Papa Clemente VI sobre as Canárias, existente em Roma;

Antonio Baião—Os meus pareceres a respeito da reprodução da Carta de D. Afonso IV;

Edgar Prestage—O Conde de Castelmelhor e a retrocessão de Tanger a Portugal;

Edgar Prestage—Os retratos do Dr. Antonio de Souza de Macedo

Pedro de Azevedo—Rol dos conegos regentes de Santo Agostinho, por D. Gabriel de S. Maria;

Pedro de Azevedo—Acêrca de Pombal;

J. Lucio de Azevedo—Bandarra e Sebastianismo;

Antonio Baião—Documentos inéditos sobre João de Barros, sobre o escritor seu homónimo contemporâneo, sobre a família do historiador e sobre os consuradores das suas «decadas»;

Edgar Prestage—Os retratos do historiador João de Barros;

J. Leite de Vasconcelos—Severino de Faria;

Conde de Azevedo e Silva—Notas de arte;

Pedro de Azevedo—A inquisição em Ceuta e Tanger no princípio do século XVII;

Francisco Maria Esteves Pereira—O livro do profeta Amós e a sua versão etiópica;

Rodolfo Guimarães—Um ponto de história a esclarecer;

Alvaro Neves—Noticia dos quadros e esculturas existentes na Academia das Sciências de Lisboa em 1835 e em 1917.

O simples enunciado dos trabalhos, que ficam indicados, basta para comprovar o labôr da Academia e quão assinalados serviços ela presta ao país, promovendo tão util e intensa demonstração de como aos nacionais merecem a mais desvelada atenção os estudos que dizem respeito às glórias e tradições pátrias.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

O emprego de foguetes de côres pelos aeroplanos de artilharia.—Os aeroplanos alemães, empregados no serviço de reconhecimento e ligação junto das baterias de artilharia, além de aparelhos de T. S. F., empregam ainda foguetes de diversas côres que, mediante uma convenção, permitem darem às baterias diversas indicações.

Assim, no combate de Bar-le-Duc em janeiro de 1915, empregavam os aviões a seguinte convenção de sinais:

- Um foguete de *côr verde*, pronto a observar;
- » » » *côr vermelha*, tiro curto;
- » » » *côr branca*, tiro comprido;
- » » » *côr verde claro*, tiro desviado para a direita;

Dois foguetes *verdes*, tiro desviado para a esquerda;

Um foguete *vermelho* e outro *branco*, tiro correto.

A recepção pela T. S. F. nos aviões.—Os alemães substituíram a *recepção auricular* pela *recepção visual*, por isso que era difícil, por causa do ruído do motor e da hélice, ouvir distintamente os *pontos* e *traços*. Para isso a corrente que é recebida pela antena do avião, passa por um fio muito delgado, que passa entre os polos de um íman poderoso, cuja corrente faz mover transversalmente o fio, como consequência da acção recíproca entre ímanes e correntes elétricas. O fio forma com o íman um galvanómetro, e, quando em repouso, intercepta um fenda luminosa que o aviador observa através de um prisma de reflexão total. Quando se recebe uma onda, o observador vê a fenda luminosa durante um tempo maior ou menor, a que corresponde o *traço* e o *ponto*, recebido pela antena.

Supressão do fulminato de mercúrio nas espoletas.—Os alemães suprimiram o emprego do fulminato de mercúrio nas espoletas, não só por causa da dificuldade da preparação, mas porque se deterioram com a humidade e são muito caras. Sabe-se que o fulminato de mercúrio humido ataca o cobre da capsula e forma um sal eminentemente explosivo, o que pode mesmo oferecer perigos sérios.

A fábrica de explosivos de Kalsruhe emprega então uma capsula de latão ou cobre vermelho, na qual se introduz uma mistura em partes iguais de clorato de potássio e sulfureto de antimónio e se comprime esta mistura, que é apenas de 30 mg.

Por cima se coloca um disco de estanho, cuja face inferior é coberta de goma laca, em que se tem diluído fósforo vermelho muito pulverizado e uma diminuta quantidade de difenilâmina.

Quando o percutor bate no fundo da capsula, bate com violencia a carga contra o fósforo, e produz-se então a inflamação. (*Estudios Militares*, agosto de 1918).

Aeroplano gigantesco.—Quando a 2 de junho de 1918 foi obrigado a aterrar à rectaguarda das linhas francesas um gigante aeroplano, na região de Nanteuil-Haudouin, os seus tripulantes procuraram destruí-lo, lançando-lhe o fogo; mas os franceses ainda conseguiram determinar-lhe as características.

Era um biplano de bombardeamento, tendo 42^m de envergadura, 20^m de comprimento, 6^m de altura e 3^m,5 de largura de asas. Portanto, a superfície de sustentação é de 410^mq. As azas estão ligadas entre si por 6 pares de mastins tubulares, distribuidos simetricamente em relação ao eixo.

A fuzilagem é constituída por uma armadura de tubos de aço. O leme de profundidade tem uma armação de alumínio com 9^m de largura e 2^m de comprimento. O leme de direcção compõe-se de 3 planos,

Na parte dianteira da fuzilagem está um posto com 2 metralhadoras para dois observadores; e num segundo posto, alojam-se dois pilotos, e à rectaguarda deste fica o depósito de essência.

Ha uma espécie de camarote para o posto de comando e alojamento do mesmo comandante.

A rectaguarda fica ainda outro posto para 2 metralhadoras e um projector, onde podem ir três homens.

O aparelho é acionado por 4 motores Maybach de 240 H. P. cada um, de 6 cilindros em linha e cujo resfriamento se obtem pela circulação da água.

Tem 4 helices: duas trativas, adiante das azas; e duas propulsivas, atraz destas.

As helices tem 4^m,30 de diâmetro e dão 600 voltas por minuto. Os depósitos de essência podem conter 3.000 litros. O peso do aparelho vazio deveria orçar por 8.000 kg., podendo levar um carregamento de 2.500 kg., de bombas. O peso total em marcha deveria ser de uns 14.000 kg.

A velocidade pode ser de 110 a 120 quilómetros à hora, podendo conservar-se no ar durante 5 a 6 horas sem interrupção. (*Memorial de artilheria*, agosto-1918).

Brazil

A nova distribuição das diferentes unidades do exercito.—Com o fim de atender a uma melhor defesa do país, as guarnições militares sofreram diversas alterações na sua colocação e nos seus efectivos.

O país foi dividido em 7 regiões militares, como se vê no quadro seguinte:

Regiões	Provincias	Guarnições
1. ^a região	Amazonas.....	Batalhão n.º 45 de caçadores.
	Pará.....	Batalhão n.º 47 de caçadores; 2 grupos de artilharia de montanha; e grupo de 2 batalhões de artilharia de costa.
	Maranhão.....	Batalhão n.º 48 de caçadores.
	Piauí.....	Batalhão n.º 44 de caçadores.

Regiões	Provincias	Guarnições
2. ^a região	Ceará.....	Batalhão n.º 46 de caçadores e 1 bateria de artilharia de costa.
	Rio Grande do Norte.....	Batalhão n.º 40 de caçadores e 1 bateria de artilharia de costa.
	Parahyba.....	Batalhão n.º 49 de caçadores e 1 bateria de artilharia de costa.
	Pernambuco.....	Regimento n.º 12 de infantaria; 8. ^a companhia de metralhadoras; regimento n.º 3 de artilharia de montada; e 1 bateria de artilharia de costa.
3. ^a região	Alagoas.....	Batalhão n.º 42 de caçadores e 1 bateria de artilharia de costa.
	Sergipe.....	Batalhão n.º 41 de caçadores.
	Baía.....	Regimento n.º 11 de infantaria; 1 bateria de artilharia de costa; e 1 grupo de obuzes.
4. ^a região	Espirito Santo.....	Batalhão n.º 50 de caçadores.
	Rio de Janeiro.....	Batalhão n.º 58 de caçadores; 9. ^a companhia de metralhadoras; 1 grupo de obuzes; batalhão n.º 5 de engenheiros; sector Este de artilharia de costa.
	Minas.....	Batalhões de caçadores n.ºs 5, 54, 57 e 59; 7. ^a companhia de metralhadoras; regimento n.º 14 de cavalaria; regimento n.º 10 de artilharia montada; 1 grupo de artilharia de montanha; 2. ^o corpo do trem.
5. ^a região	Capital federal.....	Regimentos de infantaria n.ºs 1, 2 e 3; batalhões de caçadores n.ºs 52, 55 e 56; 1. ^a e 5. ^a companhia de metralhadoras; regimento n.º 13 de cavalaria; regimento de artilharia montada n.ºs 1 e 6; 1 grupo de artilharia de montanha; 1 grupo de obuzes; 1 batalhão de engenheiros; 1 companhia ferro-viária; 3. ^o corpo do trem.
	S. Paulo.....	Regimento n.º 6 de infantaria; batalhões de caçadores n.ºs 43 e 53; 6. ^a e 7. ^a companhia de metralhadoras; regimento n.º 7 de artilharia montada; 4. ^o grupo de obuzes; 4. ^o batalhão de engenheiros; 1 grupo de 3 baterias de artilharia de costa; 4. ^o corpo do trem.
6. ^a região	Paraná.....	Regimento n.º 4 de infantaria; 2. ^a companhia de metralhadoras; regimento de cavalaria n.º 2; regimento de artilharia montada n.º 2; 2. ^o batalhão de engenheiros; 1 bateria de artilharia de costa.
	St. ^a Catarina.....	Regimento n.º 5 de infantaria; 1 grupo de baterias de artilharia de costa.
	Mato Grosso.....	Regimento n.º 13 de infantaria; regimento de cavalaria n.º 3; regimento n.º 5 de artilharia montada; 1 bateria de artilharia de costa.
	Goyaz.....	Batalhão de caçadores n.º 60.

Regiões	Provincias	Guarnições
7.ª região	Rio Grande do Sul...	Regimento de infantaria n.ºs 7, 8, 9 e 10; 3.ª e 4.ª companhias de metralhadoras; regimentos de cavalaria n.ºs 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 15; regimentos de artilharia n.ºs 4 e 8; grupos de artilharia a cavalo n.ºs 16, 17 e 18; batalhão de engenheiros n.º 3; batalhão ferro-viário; 5.º grupo de obuzes; corpos de trem n.ºs 1 e 5.

Estados Unidos

Novos processos de anestesia empregados pelos americanos nos seus hospitais em França.—Nos numerosos hospitais que os americanos tem instalado em França para tratamento dos seus doentes e feridos tem empregado, em especial, tres métodos para anestesiarem os individuos que devem ser sujeitos a operações delicadas.

Empregam para isso: 1.º o protoxido de nitrogénio. Este anestésico, comquanto seja muito antigo, e freqüentemente empregado pelos dentistas, comtudo a originalidade do seu emprego está nos aparelhos especiais de que fazem uso e na nova técnica;

2.º Empregam uma mistura de éter, de protoxido de nitrogenio e de ar, que é insuflado por meio de uma espécie de pequeno ventilador electrico e um tubo de cautchu. Este processo de anestesia foi imaginado pelos Drs. Mekzer e Aern. Pode-se também usar o mesmo processo, quando se empregue uma mistura de cloroformio e éter;

3.º Finalmente, e tendo preferéncia aos outros processos, praticam os medicos a anestesia injectando no recto uma mistura de azeite-éter, como se se tratasse de um clister. Este processo não tem os inconvenientes do cloroformio (que exerce uma acção nociva sobre o figado e o coração), e deixa intacta a respiração, tendo ainda a vantagem de se reabsorver lentamente, proporcionando uma anestesia perfeita.

A dose de éter da mistura é regulada, segundo a idade, o sexo e a resistência do individuo.

Não se pode porém empregar este processo quando os feridos apresentam lesões pulmonares, porque o éter produz phenomenos inflammatorios do pulmão, e ainda quando a intervenção operatoria tem de ser no próprio recto. (*Le Matin*).

A metralhadora Browning.—Os americanos tem ultimamente construido um novo modelo de metralhadora, cuja invenção é devida ao célebre fabricante de armas de fogo, John Browning. Tem-se construido dois tipos, um pesado e outro ligeiro.

O tipo ligeiro pesa 7 quilogramas e emprega carregadores com 20 cartuchos, sendo estes os mesmos que usam as espingardas Springfield e Enfield.

A rapidez de tiro é enorme, pois os cartuchos de cada carregador são

consumidos em 2,5 segundos, sendo este também o tempo que se leva a substituir o carregador.

A leveza desta metralhadora permite que seja empregada nos assaltos, acompanhando a infantaria por toda a parte. É uma arma essencialmente ofensiva.

O modelo pesado vai montado num tripé e usa fitas, contendo cada uma 250 cartuchos. O resfriamento do cano obtem-se por meio da água, que circula num tubo que envolve o cano. Esta metralhadora pesa 16,5 quilogramas e por isso tem um caracter antes defensivo. Pode também ser empregada no tiro anti-aereo para o que tem um tripé especial.

Em virtude dos excelentes resultados obtidos nas experiências, está-se procedendo ao fabrico de grande quantidade destas novas armas. O desenvolvimento dado a esse fabrico permite uma produção de 5.000 metralhadoras por semana.

Inglaterra

Os novos soldos.—Considerados insuficientes para fazer face à excessiva carestia da vida os actuais soldos do exército inglês, foram estes aumentados, concedendo-se mesmo nalguns postos uma gratificação por diuturnidade de serviço.

Os vencimentos mensais ficam sendo os seguintes :

2.º tenente.....	78\$60
1.º tenente.....	86\$10
Capitão.....	99\$00
Capitão com diuturnidade.....	108\$60
Major.....	135\$00
Major com diuturnidade.....	138\$00
Major 2.º comandante de regimento.....	142\$50
Tenente coronel.....	172\$50

Enquanto durar a guerra os subalternos e capitães casados recebem um subsidio mensal de 10\$00, por cada filho com menos de 18 anos, até ao numero de 4.

Os maiores recebem um subsidio análogo, mas de 5\$00 por cada filho (até 4).

A aviação inglesa no mês de Agosto.—A actividade da aviação inglesa no mês de agosto foi extraordinária, comparada com a dos meses anteriores. Os aparelhos de bombardeamento lançaram mais de 279 T. de projecteis sobre as tropas no campo de batalha entre o Somme e o Aisne. Durante a noite lançaram 362 T. de projecteis sobre as vias de comunicação do inimigo. Derubaram ou forçaram a aterrar sem govêrno 280 aviões e incendiaram 70 balões cativos.

Executaram numerosos *raids* sobre os centros industriais e ferro-viários, como foram os altos fornos de Francfort, de Mannheim, Metz, Sablon, Saarbours e Thionville, que foram atacados três vezes. Atacam também Bettenburgo, Burbach, Coblenz, Colónia, Darmstadt, Bellingen, Karlsruhe, Luxemburgo, Offenburgo, Remilly, Rombach, etc.

Durante os meses de junho, julho e agosto a aviação independente realizou 249 *raids* sobre o território alemão.

Por 8 vezes atacaram a estação ferroviária de Saarbrücken; por 3 vezes atacaram durante a noite Mannheim.

Estes repetidos *raids* obrigaram os alemães a retirar um grande número de esquadrilhas de aeroplanos das frentes de batalha para ser empregadas na defesa do Reno.

DIVERSOS

A cidade de St. Mihiel, que ultimamente foi libertada pelo exército americano sofreu horrorosamente durante os 4 anos que esteve em poder dos alemães. Em 1914 lançaram sobre os seus habitantes uma contribuição de guerra de 500.000 francos em dinheiro e 206.000 em géneros; em 1916 lançaram uma nova contribuição de 128.000 francos; em 1917, outra de 181.000 francos; e em 1918 ainda uma outra de 240.000 francos.

As requisições foram numerosas, não tendo passado documento algum de 60 % dessas requisições.

Antes da sua retirada já tinham levado as máquinas das fábricas, quebrando as que não podiam ser transportadas. Impuzeram muitas multas individuais e cometeram vários fuzilamentos. Por fim, quando retiraram levaram 180 homens de 17 a 45 anos.

Observações sobre os ferimentos de guerra.—Segundo as estatísticas publicadas pelo Dr. Tuffer, e referentes à ofensiva do Aisne, 50 % dos feridos puderam ser evacuados rapidamente.

Destes, 70 % tinham sido feridos pelos estilhaços das granadas e 17 % pelas balas.

16 % dos ferimentos produziram-se na cabeça, 4 % no abdomen e 67 % em diversas partes do corpo.

A mortalidade foi de 61 % nos feridos no abdomen; a gangrena teve lugar em 3 % dos feridos e o tétano em 0,05 %. 80 % dos feridos no thorax curaram-se.

No fim de 50 dias de hospitalização ficaram nos hospitais 1,43 % dos feridos.

A produção de trigo na América.—A produção de trigo tem aumentado extraordinariamente na América. Regiões que não eram cultivadas como as terras de Crow Fort Peck e Black foot Indian, e as de Shoshone e de Wyoming, tem produzido este ano 11.100.000 duplos decalitros.

Formou-se um club chamado do "*Trigo da Liberdade*" tendo por fim fomentar a cultura do trigo, e deste club só pode ser sócio quem tenha obtido, pelo menos, 420 duplos decalitros daquele cereal.

A situação financeira dos caminhos de ferro franceses.—Durante estes anos de guerra tem aumentado consideravelmente o tráfego nas linhas francesas, mas a esse aumento de tráfego não tem correspondido um aumento nos rendimentos das mesmas linhas, de forma que a sua situação financeira é pouco favorável. Isto explica-se pelo aumento enorme nas despesas de ex-

ploração, quer pela carestia do combustível, que passou de 23,5 fr. a tonelada para 93,30 fr. na rede do *Midi*, e de 28 fr. para 71 na rede de *Orleans*, quer pelo aumento da mão d'obra e das matérias primas.

É ainda para notar que o maior tráfego é devido aos transportes militares¹, representados por 89 milhões de francos em 1917, e aos transportes de mercadorias (combustíveis, batatas, vinhos, etc.), tendo diminuído consideravelmente o transporte de passageiros, pela necessária redução de comboios desta espécie. Os transportes militares têm dado enormes prejuízos, por isso que as tarifas especiais que lhes são aplicadas, são muito pequenas em relação ao excessivo aumento da exploração e porque os comboios de retorno, vindo vazios, representam um rendimento nulo. A redução de comboios de passageiros, trouxe consigo uma redução de 7,5 % nas receitas em relação às de 1913.

O aumento especial dos salários ao pessoal por causa da carestia da vida é representado por 58 milhões de francos, além de um aumento permanente de mais 30 milhões. As receitas líquidas têm-se reduzido consideravelmente. O caminho de ferro do Norte encontra-se então numa situação mais angustiosa, por isso que as linhas foram reduzidas por causa da invasão, de forma que, em vez de 336 milhões de receitas, que teve em 1913, teve em 1917, 285 milhões, sendo as despesas de exploração de 250 milhões, a que correspondeu um produto líquido de 32 milhões, verba insuficiente para fazer face aos encargos de 124 milhões.

O *deficit* nesta companhia atingiu já 382 milhões durante os anos de 1914, 1915 e 1916, vendo-se a companhia forçada a emitir novas obrigações ao juro de 7 %. As companhias do Norte e de Este estão hoje nas mãos do governo, que as explora militarmente. Os transportes militares da companhia do Norte em 1917, representam uma receita de 28 milhões de francos e na companhia de Este são representados por 125 milhões.

A companhia do *Midi*, ao terminar o ano de 1917, tinha um *deficit* de 30 milhões, que junto às perdas dos anos anteriores, atingiam a soma de 100 milhões.

Nas linhas do Estado, as perdas correspondentes aos 3 anos de guerra, atingem 500 milhões.

É ainda para notar que, antes da guerra, estavam em média em concerto nas oficinas de todas as redes francesas 1.600 locomotivas e 15.000 vagon de diversas espécies, enquanto que em 1917 estavam em reparação 2.150 máquinas e 26.000 veículos de pequena velocidade, o que mostra uma maior fadiga de material, tanto mais que não tem sido adquirido material novo até 1917, visto que as fábricas que o produziam têm estado laborando material de guerra, mas havendo necessidade urgente dessa aquisição, algum foi adquirido, custando porém, somas enormes.

Todavia o material adquirido e a adquirir durante 1918, não pode fazer face às necessidades das linhas.

¹ Durante o período da concentração circularam nas linhas ferreas francesas 40.000 comboios com tropas e material, num período de 15 dias. Nas vésperas da batalha do Marne, circularam milhares de comboios, transportando corpos d'exército da extrema direita para a esquerda da linha da batalha.

As companhias francesas possuíam antes da guerra, 12.000 locomotivas, 32.500 carruágens de passageiros e 390.000 vagon. Hoje estes números estão muito reduzidos.

Apezar de terem sido aumentadas as tarifas comerciais em 25 % a partir de 15 d'abril de 1918, e por um periodo de 6-anos, as companhias lutam e lutarão por muito tempo com grandes dificuldades financeiras. O Estado, terminada a guerra, terá de auxiliar as companhias para a aquisição de material. Têm-se alvitrado mesmo que as linhas ferreas passem todas para a posse do Estado, ou que sejam revistas as convenções com o fim de serem prolongadas por mais tempo as concessões, o que permitiria às companhias contrair mais empréstimos, dando margem à sua amortização. Há, porém, a considerar que as linhas actualmente na posse do Estado têm dado um rendimento muito inferior às das companhias. Comtudo a tendência hoje em quasi toda a Europa e na América, é a exploração dos caminhos de ferro pelo Estado.

As linhas ferreas alemãs não estão em melhores circunstâncias financeiras, apesar dos alemães se terem apropriado de 52.000 veículos dos caminhos de ferro franceses e de abundante material roubado na Belgica, na Servia e na Romenia.

A Inglaterra não paga às companhias os transportes militares, mas garante às companhias um mínimo de rendimento.

(*La Science et la Vie*, n.º de julho-1918).

II

PARTE MARITIMA

Alemanha

Novas Construções. — O programa de construções navais em execução, tem tornado a marinha de guerra mais forte em todas as classes de navios, excepto em cruzadores ligeiros cuja perda tem sido mais sensível durante a guerra actual. Tem sido construidos, em grande numero, barcos de fundear minas, com 4000 toneladas de deslocamento e 35 milhas de marcha, armados com 4 peças de 150.^{mm} e 8 de 105.^{mm}.

Desde o começo da guerra, tem sido lançados à agua 60 caça-torpedeiros de 34 milhas de marcha, armados com 3 peças de 105.^{mm} e 4 tubos lança-torpedos.

Por informações recebidas em logar official, em Washington, sabe-se que a Alemanha completou a construção de 6 submersiveis de 1500 a 1800 toneladas com um raio de acção de 10:000 milhas, estando bastante adiantada a construção de outros 6 do mesmo tipo. Os grandes submersiveis não serão mais, de futuro, designados por letras e numeros, mas sim pelos nomes dos comandantes dos submersiveis que mais se tem distinguido na actual guerra. O primeiro que será assim distinto, terá o nome de Otto Wedingen, o comandante do U9 que, a 22 de Setembro de 1914, afundou os cruzadores ingleses Aboukir, Hogue e Cressy e que encontrou a morte num submersivel afundado pelos ingleses.

Novos submersíveis. — Parece que foi mandada activar a construção de submersíveis de 2 a 3:000 toneladas, que se supõe estarem sendo construídos em Hamburgo e Stettin.

A Campanha dos Submersíveis. — Segundo os relatórios alemães, referidos ao mez de Julho ultimo, asseguram-se que foram destruídas 521:000 toneladas de navios, e que desde o começo da guerra, a tonelagem dos navios dos aliados diminuiu 18:251.000 toneladas, pertencendo 11:000.000 à Inglaterra.

Sobre o submersível U39 que recolheu ao porto de Carthagenia em 18 de Maio ultimo, com avaria, informa o seu comandante ter ela sido produzida por uma bomba que, num ataque aereo, atingiu o submersível quando este estava submerso, a 70 milhas do porto de Carthagenia.

O submersível UC 35 que pertence à classe que tem as características 400 a 520 toneladas, 16 milhas de marcha, armados com uma peça de 88.^{mm}, 3 tubos lança-torpedos, 18 minas e 23 homens de guarnição, travou combate nas aguas da Sardenha com o navio patrulha francês Ailly, que recolheu cinco sobreviventes, entre os quais o comandante e um marinheiro espanhol capturado alguns dias antes.

Estados Unidos da America do Norte.

Couraçados Monstros. — Segundo o boletim oficial de 30 de abril ultimo, os seis novos couraçados norte-americanos autorizados pelo Congresso, terão o deslocamento de 42:000 toneladas. Está autorizada a construção no arsenal de New Pprk de carreiras de construção para estas novas unidades.

O mesmo boletim informa que durante o ano ultimo foi acabado o mais moderno tipo de peça de marinha. Tem 406.^{mm} de calibre e lança um projectil com o peso de 951 quilogramas.

Construção de caça-submersíveis. — Estão sendo construídos grande numero de navios desta classe nos celebres Estaleiros Ford. São do tipo *Eagle*, tendo o espaço coberto destinado à sua construção, 510 metros de comprimento por 90 metros de largura, podendo nêle serem construídos simultaneamente 20 destas unidades. Esta officina dista cerca de meia milha do rio, sendo a doka onde são lançados à agua ligada ao rio por um canal onde pode passar um navio a vapor de consideráveis dimensões, canal que foi escavado por poderosas dragas de sucção.

O serviço está montado de forma que o material em bruto é depositado dum lado da officina de laboração num espaço de 135 metros de comprimento por 45 metros de largura; é convenientemente trabalhado e segue para a officina de montagem, onde existem 3 carreiras cada uma capaz de conter 7 unidades, onde são armados peça por peça.

São lançados à agua por um potente elevador hidraulico que nêles péga e os assenta nagua promptos a receber o aparelho motôr e os acabamentos para ficarem prontos a servirem. Estes barcos são todos de aço, sem madeira de espécie alguma, e divididos em grande numero de compartimentos estanques. A prôa é talhada em forma de fâca e bastante reforçada para atacar os submersíveis com o esporão. As maquinas e os diversos maquinismos podem

ser manobrados com a mesma facilidade que tornou celebre o automovel Ford. No ataque, os caças submersiveis do tipo Eagle, pouco teem a recear não só por causa da sua emersão excepcionalmente limitada, como pela forma do casco ser tal que, se um torpedo accidentalmente o atingisse, era muito provavel que logo escorregasse ao longo do casco, sem causar damno.

O primeiro barco do tipo Eagle foi construido completo a algumas milhas de distancia do ponto onde foi lançado à agua, tendo servido as mesmas maquinas-ferramentas que eram empregadas nos automoveis cuja produção ficou psr êsse facto, reduzida a um terço. O lançamento dêste barco teve logar a 11 de Junho ultimo, estando nessa occasiao 12 caça-submersiveis em vias d'acabamento.

Inglaterra.

Perdas navais Ingêlasas. — Em 15 de Julho foi torpedeado e afundado o transporte Barunga (antigo Sumatra da marinha mercante alemã) de 7484 toneladas, em caminho para a Australia para onde transportava soldados australianos, incapazes; não houve vítimas.

Em 16 de julho foi torpedeado e afundado uma canhoneira ingêla não se salvando official algum, escapando apenas 12 homens.

Em 19 de Julho foi ao fundo o grande transatlantico Justicia, da White Star Line, de 32:000 toneladas, ao largo da costa Norte da Irlanda, depois duma lucta de 22 horas com os submersiveis inimigos que o surpreenderam. Apesar do barco vir escoltado assim como outros navios, por caça-torpedeiros e outras pequenas unidades, o ataque começou às duas horas da madrugada, recebendo o Justicia um torpedo no compartimento das máquinas que, desde logo, ficaram alagadas. Como não foram atingidas as ante-paras estanques, puzeram-se as embarcações promptas a arriar, conservando-se nas proximidades, por precaução, alguns rebocadores. Às 4 e meia hora foram lançados dois torpedos que não tocaram no Justicia, sendo êste rebocado; às 8 horas e 15 minutos da manhã um quarto torpedo tambem errou o alvo e desembarcaram então alguns homens da guarnição; continuou o reboque mas às 9 horas e 15 minutos outros dois torpedos feriram o Justicia na altura dos compartimentos estanques n.º 3 e n.º 5 começando o navio a mergulhar, afundando-se de popa ao meio dia e quarenta minutos. Morreu o 3.º maquinista por feridas recebidas e desapareceram 15 homens em serviço nas maquinas logo na primeira explosão, salvando-se os restantes officiaes e praças. Um submersivel inimigo foi afundado pelo caça-torpedeiro ingêl Marne; parecendo ser um dos que tomaram posição para atacarem o Justicia.

O cruzador auxiliar Manura foi afundado com torpedos em 23 de Julho desaparecendo 10 homens.

Em 24 de Julho encalhou na costa e submegiu-se um caça-torpedeiros ingêl; morreram afogados 13 homens.

Em 2 de Agosto foram afundados pelo choque com minas inimigas, dois caça-torpedeiros mordendo 5 officiaes e 92 marinheiros.

Em 3 de Agosto foi torpedeado e afundado o transporte ambulancia Warilda, comandado por Captain James Sims, morrendo dois officiaes, um comandante do corpo auxiliar de saude e 112 homens entre doentes e enfermeiros e um soldado norte-americano.

Um discurso de Lloid George. — Eis algumas significativas palavras do discurso de Lloid George, pronunciadas em sessão da Camara dos Deputados de 7 de Agosto: Desde a declaração de guerra até 30 de Junho de 1918 foi preciso transportar por mar vinte milhões d'homens, dois milhões de animais e 110 milhões de toneladas de aprovisionamentos para o exército e marinha. A marinha de guerra, que, no começo da guerra tinha 2 1/2 milhões de toneladas de navios, tinha em Julho ultimo 6 1/2 milhões, passando o seu pessoal de 146:000 a 400:000 homens.

Dos 20 milhões de homens, as perdas até 27 de abril eram de 3282, isto é, 1 por 6:000. As tropas norte-americanas transportadas até 27 de Julho subiram a mais de um milhão de homens, sendo a metade conduzida por navios ingleses, o que acarretou a necessidade de uma escolta de 51 navios d'alto mar e 393 caça-torpedeiros.

Antes da introdução do sistema de comboios, foram afundados de abril a junho, 4,41 % de navios ingleses de mais de 500 toneladas. Depois de organizado o sistema de comboios e no periodo de Março a junho de 1918 a percentagem baixou a 1,23 %.

Pelo menos, tem sido destruidos 150 submersiveis, e mais de metade destes nos ultimos dōse meses. O numero de homens que guarnece as marinhas de guerra e mercantes inglesas e de um milhão e meio dos quais 800 a 900:000 em idade de estarem sujeitos ao recrutamento. Desde Agosto de 1914 foram arrolados 6 1/2 milhões de homens facto sem precedentes na história de Inglaterra. Da gente arrolada, um milhão pertence às Colónias inglesas.

Dinamarca.

Nova Sociedade de Construções. — Acaba de fundar-se uma nova Sociedade com o nome de Estaleiros Codan, com oficinas em Copenhague e carreiras de construção em Koge, na parte mais baixa da costa, num terreno de 40:000 metros quadrados. Estes estaleiros construirão navios de cimento armado e de madeira, havendo tres carreiras para os primeiros até 1:000 toneladas e outras tres para os segundos até 600 toneladas.

Japão.

A catastrophe do couraçado Kawachi. — Foi afundado por uma explosão interna, esta importante unidade da marinha japoneza. Tinha 146^m de comprimento, 26^m de bôca, 8^m5 de calado de agua, 20:000 toneladas de deslocamento, 20 milhas de marcha tendo as máquinas a força de 26:500 caválos, cinta couraçada e torre do commando protegida com chapa de 305^{mm}, a grossa artilharia protegida com chapa de 280^{mm} e o convés couraçado com chapa de 76^{mm}. Era armado com 12 peças de 305^{mm}, 10 de 152^{mm}, 10 de 120^{mm}, 8 de 76^{mm}, 4 metralhadoras e 5 tubos lança-torpedos. Tinha 900 toneladas de aprovisionamento de carvão normal e 2500 de aprovisionamento máximo. Tinha 1100 homens de guarnição e foi lançado ao mar em 1910.

Crusador Kasuga. — Este barco, que tinha encalhado nas aguas territoriais das Indias Holandezas, foi ao cabo de muito trabalho, posto novamente a nado em 17 de Maio ultimo. Tem 7:750 toneladas de deslocamento. É do tipo Garibaldi, e foi construido nos estaleiros italianos de Ansaldo.

Novos estaleiros — Tem tomado extraordinário incremento as construções navais no Japão. A percentagem da construção naval mundial, construída no Japão, que, antes da guerra era 2 % atingiu em 1916 cerca de 10 %. O numero de estaleiros aumentaram de 9 a 29 e a produção calculada no presente ano é de 610:000 toneladas.

Os novos estaleiros Tsurumi dão um notavel exemplo de grande actividade, pois em Novembro de 1916 havia apenas a drenagem e a limpeza dos terrenos onde elles haviam de ser construidos. Em Junho de 1917 estavam completamente acabadas as oficinas com a area de 8:000 metros quadrados. O primeiro navio, de 11:000 toneladas foi lançado a agua em Junho de 1917 e estavam em construção, três da mesma tonelagem.

Estão montadas 10 carreiras para navios de 10 a 12:000 toneladas e duas para navios de 30 a 32:000 toneladas. Estão-se empreendendo trabalhos para construir em um ano, 30 navios de 11:000 toneladas.

Uma empreza, a Osaka Dock C.^o está construindo novos estaleiros em Mini ami Fukusaki dispondo de um capital de seis milhões de yen para a construção e reparação de navios. (Da *Revista Marittima Italiana*).

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 E. DIAZ RETZ. *L'Assaut contre Verdun*. 21 février-31 mars 1916. Traduit de l'espagnol par Gabriel Ledos. Conservateur adjoint à la Bibliothèque Nationale. Préface de Maurice Barrès. Un vol. in-8° écu de xvi-366 pages, avec 14 cartes dans le texte une carte hors texte et un Index broché Fr. 5
- 2 A. MILLERAND. *La Guerre libératrice*. Un vol. in-18, broché Fr. 2
- 3 VICENTE BRYCE (Président de l'Académie Britannique). *Réflexions d'un historien sur la guerre dans le passé et dans l'avenir*. Traduit par Lucien Herr. Un vol. in-18, broché Fr. 1
- 4 SÉBASTIEN SERBEXES. *La Roumanie et la Guerre*. Un vol. in 18, broché Fr. 3,50
- 5 ALEX LÉAUD. *Spectacles de guerre et choses vues par l'auteur*. Un vol. in-18, broché Fr. 3,50
- 6 ALBERT DAUZAT. *L'Argot de la guerre d'après une enquête auprès des Officiers et Soldats*. Un vol. in-18, broché Fr. 3,50
- 7 AUGUSTE GOUVAIN. *Les Origines de la guerre européenne*. Un vol. in-18. (12^e éd.), broché Fr. 3,50
- 8 AUGUSTE GAUVAIN. *L'Europe avant la guerre*. Un vol. in-18, (2.^e éd.), broché Fr. 3,50
- 9 *Au Front de France, Lettres d'un Officier anglais*. Un vol. in-18, (2^e éd.), broché Fr. 3,50
- 10 GERALD CAMPBELL. *De Verdun aux Vosges. Impressions de guerre (1914-1915)*. Traduction André Siegfried. Un vol. in-18, de 410 pages, avec 4 cartes hors texte (2^e éd.), broché Fr. 5
- 11 FELIX KLEIN (abbé). *La Guerre vue d'une ambulance*. Un vol. in-18, (5^e éd.), avec 12 documents photographiques, broché Fr. 3, 30

Inglaterra

- 1 ALDRICH (Mildred). *On the Edge of the War Zone*. From the Battle of the Stars and Stripes. Cr. 8vo, pp. 280. Constable net 5/
- 2 BATES (Jean Victor). *Our Allies and Enemies in the Near East*. With

- an introduction by the Rt. Hon. Sir Edward Carson. 8vo, pp. 234. Chapman net 10/6
- 3 BISHOP (Major). *Winged Warfare*. Hunting the Huns in the Air. Cr. 8vo, pp. 301. Hodder & S. net 6/
- 4 BRIGHT (Charles). *Telegraphy, Aeronautics, and War* 8vo, pp. 424. Constable net 16/
- 5 BROWN'S. *Completed Burdwood Azimuth Tables*. Computed for intervals of four minutes. For declinations from 0 deg. to 23 deg. between the parallels of, latitude 30 deg. to 60 deg., inclusive from horizon to meridian. With an appendix. Cr. 8vo, pp. 255. J. Brown & Son. (Glasgow) net 7/6
- 6 COLVER (Capt. E. de W. S.). *High Explosives*. Illustrated. Roy. 8vo, pp. 859. Lockwood net 63/
- 7 *Complete Lewis Gunner, The*. By an Instructor. Cr. 8vo, pp. 84. Gale & P. net 2/
- 8 CORBETT (Sir Julian S.). *England in the Seven Years' War*. A Study in Combined Strategy. 2nd edition. 2 Vols. 8vo, pp. 487, 516. Longmans per set, net 21/
- 9 DUNN (Lieut. E. A.). *Three Anzacs in the War*. Cr. 8vo, pp. 246. Skeffington net 5/
- 10 FILIPPI (Major Sir Filipp de). *Italy's Protection of Art Treasures and Monuments during the War*. From Proceedings of British Academy, Vol. VIII. 8vo, swd. Oxford Press net 6d
- 11 FOYERTY (E.). *First Notes on Special Training*. 8vo. G. Allen & U. on Cards, each 4d
- 12 FOCH (General) at the Marne. *An Accrunt of the Fighting in and near the marshes of Saint-Gond*. By Charles Le Goffic. Translated from the French by Lucy Menzies. Cr. 8vo, pp. 238. Dent net 4/6
- 13 FRIEDEL (V. H.). *The German School as a War Nursery*. From the French *Pedagogie de Guerre Allemande*. With an introduction by M. E. Sadler. Cr. 8vo, pp. 270. A. Melrose net 4/6
- 14 GARSHIN (Vsyevolod). *The Signal, and Four Days on the Field of Battle*. Edited by J. H. Freese. Cr. 8vo, swd. K. Paul net 1/6
- 15 GORDON (Mrs. Will). *Roumania. Yesterday and To-day*. With an introduction and two chapters by H.M. the Queen of Roumania, and illustrations. 8vo, pp. 301. J. Lane net 10/6
- 16 HOSMER (G. L.). *Navigation*. 18mo. Chapman & H. net 6/
- 17 HOWARD (Keble). *The Glory of Zeebrugge and the Vindictive*. Exclusive and Official Photographs. 8vo, swd., pp. 64. Chatto & W. net 1/
- 18 LENG (Wm. St. Q.). *La Section Sanitaire Anglaise*. No. 10. Notes on the work of a British Volunteer Ambulance Convoy with the 2nd French Army (of Verdun). Cr. 8vo, pp. 71. Leng & Co net 21/
- 19 MARGERISON (John S.). *Petrol Patrols*. Cr. 8vo, pp. 251. Hodder & S. net 6/
- 20 MELVILLE (F. J.). *Stamp Collections for War Museums*. (J.P.S. War Book Series). Cr. 8vo, pp. 26. Stanley Gibbons 6d
- 21 MONTAGUE (C. E.). *Notes from Calais Base, and Pictures of its Many Activities*. 8vo, swd., pp. 48. T. F. Unwin net 1/
- 22 POWELL (Sir Robert Baden). *Scouting for Boys*. A Handbook for Instruction in Good Citizenship. Cr. 8vo, pp. 341. Pearson net 3/
- 23 BRIESTMAN (E. Y.). *With a B-P. Scout in Gallipoli*. A Record of the Belton Bulldogs With a foreword by Lieut. Gen. Sir Robert Baden-Powell. 2nd edition. Cr. 8vo, swd., pp. 326. Routledge net 1/9
- 24 RICKARD (Hrs. Victor). *The Story of the Munsters at Etreaux*. Festubert, Rue du Bois, and Hulloch. With an introduction by Lord Dunraven. Cr. 8vo, pp. 132. Hodder & S. net 2/6
- 25 SMYTH (E. J.). *B.S.A. Musketry Score Book*, for use in the General Musketry Course. 12mo, pp. 47. Forster, Groom net 3d
- 26 SOLANO (Capt. E. J.). *The Pacifiste Lie*. A Book for Sailors and Soldiers. Cr. 8vo, swd., pp. 71. J. Murray net 1/6

- 27 STEWARD (W. Augustus). *The A.B.C. of War Medals and Decorations*. New edition. Being the history of the manner in which they were won, and a complete record of their award: Their characteristics: How they are named, and how they are counterfeited. 8vo, pp. 426. *S. Paul* net 6/
- 28 TASLAUANU (Octavian C.). *With the Austrian Army in Galicia*. Cr. 8vo, pp. 255. *Skeffington* net 6/
- 29 VORST (B. Van). *A Popular History of the War from 1914 to 1918*. 12mo, pp. 133. *Librarie Larouse* 2/
- 30 WALCOTT (Stuart). *American Aviator*. July 4, 1917, to December 8, 1917. Letters of, above the French Lines. Cr. 8vo. *Oxford Press* 4/6
- 31 WALTON (S. Y.). *The Knights of Darkness*. Cr. 8vo, pp. 20. *St. Clement's P.*

II — PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 6 e 7 de junho e julho de 1918. Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola. As operações costeiras e os progressos da técnica naval. Síntese harmonica de mares e respectiva prática para a hora dada. Notas de Administração Naval. O «Lisbonense».
- 2 *O Instituto*, n.º 8 de agosto de 1918. Rui Barbosa. O Imperador do Japão. O «Fausto» de Goethe. Documentos sobre várias indústrias portuguesas.

Brasil

- 1 *O Tiro de Guerra*, n.º 7 de julho de 1918. As Sociedades de Tiro. 1.º Tenente E. U. Cavalcanti de Albuquerque. O horror de uma mãe pela farda. Um gesto merecedor de imitação. Preços de munição. Aplicações da Sub-Target. Episodios Militares da Historia Militar do Brazil. Sobre a educação physica-militar. Equipamento de infantaria. Collegio Paula Freitas. Resoluções ministeriaes. Sociedades incorporadas ultimamente. Os sports. Uma empresa yankee no Brazil. O tiro nos Estados.
- 2 *Revista Militar do Brazil*, n.º de junho de 1918. Artilharia de campanha. — As alturas de arrebentamento. A nova edição do Regulamento de exercicios para infantaria. Serviço de segurança em estação (Quadros synopticos). O corpo de engenheiros machinistas da Armada e a reforma compulsoria. A lei de promoções (Necessidade de sua revisão na parte referente á questão merecimento). A Marinha nacional em Pernambuco. A questão do Montepio. Legislação. Jurisprudencia. 11 de junho de 1865. O serviço telegraphico, sua legislação e a Defeza Nacional. Floriano Peixoto. A carestia. Uma distracção imperdoavel. O exercito de 2.ª linha e uma justa reivindicacão. A Junta de Justiça Militar. O movimento militar em Pernambuco. Os serviços telegraphicos nos Estados Unidos. O telephone na Camara dos Deputados e a Defeza Nacional. Os vencimentos de civis e militares ao serviço da Nação. O trafego radio-telegraphico na Marinha Mercante. A censura telephonica. O serviço de intendencia, Bibliographia.

Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 365 de maio e junho de 1918. A nuestros lectores. Descripcion y calculo completo de una estación radiotelegrafica que le corresponderia a un buque tipo «O Higgins» para tener una mayor eficiencia. Detectores termoelectrónicos. Fundamentos del director de torpedos de largo alcance. Progresos de ingenieria naval. Crónica extranjera. Notas profesionales. Crónica Nacional. Necrologia. — N.º 366 de julho e agosto. Valvulas termoelectrónicas. Fundamen-

tos del director de torpedos de largo alcance. Progreso de ingeniería Naval. Un modo de obtener el tolueno. Qué puede hacerse en nuestra marina para mejorar la rama de ingeniería. Preparación de la flota activa. Lo que debe saber un contador de la armada nacional. Puertas impermeables. Notas de la guerra. Notas profesionales. Crónica nacional. Necrologías.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 29 de julio de 1918. Aptitudes necesarias al combatiente aéreo. Cooperación entre la Infantería y la Artillería en el ejército británico. La Manta de silla. Impresiones de una visita a los Ejércitos Británicos y Francés, que operan en territorio de Francia. Atrinchamientos. Los perros en la guerra. Proyecto de Suministro de Remontas para el Ejército de los Estados Unidos. El sombrero de Fieltro en la Guerra Boer. Decretos y Resoluciones. Reglamento especial. Convocatoria para aspirantes al ingreso en la Escuela de Cadetes de la República. Publicaciones Recibidas. Bibliografía.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 11 de agosto de 1918. Organización del ejército (conclusión). Un pequeño ensayo de General y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería. Historia político-militar del Conde de Barcelona D. Ramón Berenguer III (*el Grande*). Algunas observaciones sobre «Historia Militar». Revista extranjera.
- 2 *Memorial de Artillería*, n.º de agosto de 1918. Corrección del tiro de Costa. Notas diversas sobre táctica y técnica de tanques. El escalonamiento de convergencia en nuestras baterías de campaña. Baterías de cuatro o de seis piezas? Pequeño cañón de 37 mm. de acompañamiento de infantería. Un obús de 520 mm. Projectiles sin rebote. Medios de aumentar el alcance de los cañones. Empleo de la madera como sustitutivo del algodón en la fabricación de la pólvora. La oxiliquita. Una aleación desoxidante. Máquina de fresar, de funcionamiento continuo. Moldes de fundición para proyectiles de acero fundido. Fundición acerada para la fabricación de proyectiles. Avión alemán gigantesco. La guerra... del ácido sulfúrico. Evolución de los métodos de ataque. Protección de las palomas mensajeras contra la acción de los gases asfixiantes. Aparatos para el mando eléctrico a distancia de las baterías y grupos de Artillería de costa y posición, y para la puntería colectiva, indirecta y convergente de las piezas del Teniente Coronel de artillería D. Patricio de Antonio. Enseñanzas y evoluciones de la guerra submarina. Técnica y práctica de las modernas aplicaciones de la soldadura autógena. Bibliografía. Etc.
- 3 *Memorial de caballería*, n.º 27 de setiembre de 1918. Ideas sobre un reglamento de ascensos. Los escuadrones de ametralladoras en Caballería. El cuartel como factor educativo nacional (continuación). La cría caballar en Marruecos. Operaciones en el teatro occidental — Final de la batalla del Ourcq — Batalla del Avre — Batalla del Ancre — Batalla de Arras — Operaciones en otros teatros. Revista de Revistas. Regimiento Lanceros de España — Ordenes y diario de operaciones de los ejercicios realizados por el regimiento en la campaña logística de la tercera brigada de Caballería en 1917 (conclusión). Historia del casco (conclusión). Noticias militares. Deportes hípicas. Etc.
- 4 *Memorial de infantería*, n.º 80 de setiembre de 1918. Colección de problemas tácticos del capitán Balédent (continuación). La guerra en Marruecos. La eficiencia de la infantería. Sobre instrucción de tiro (continuación). El oficial. El soldado español. La Academia militar de West Point (conclusión). Río Mulunya. Constitución de Bourbón, 17.º de infantería. La guerra europea. Noticias militares. Revista de Revistas. Bibliografía. Etc.